UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS

Curso de graduação em Design Gráfico

Isadora Cunha Caldas

CANTANDO COM O BOI DE MAMÃO

Design editorial infantil

Goiânia 2017

FAV FACULDADE DE ARTES VISUAIS — UFG UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

sibi sistema de bibliotecas ufg

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DIGITAL DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL – RI/UFG

Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor(es): Isadora Linha Calazans
E-mail: ISADORACALDASS@GMAIL.COM
O(s) e-mail(s) pode(m) ser disponibilizado(s) na página? (X) Sim ( ) Não
Título do trabalho: CANTANDO COM O BOI DE MAMÃO Design Editorial Infantil
Palavras-chave: design editorial ; ilustração ; boi de mamão
Título em outra língua: CANTANDO COM O BOI DE MAMÃO Editorial Design
Palavras-chave em outra língua: editorial design ; illustration ; boi de mamão
Data da defesa: 30/11/2017 — Curso: Bacharelado em Design Gráfico
Orientador (a): Rosana Maia Monteiro

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional - RI/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? ( ) Sim (X) Não

Permitir modificações em sua obra?

( ) Sim

( ) Sim, contando que outros compartilhem pela mesma licença .

(X) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Goiânia 08 de novembro de 2017.

Isadora Calazans

Assinatura do(s) autor(es) e/ou detentor(es) do(s) direitos autorais

Isadora Cunha Caldas

CANTANDO COM O BOI DE MAMÃO

Design editorial infantil

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Design Gráfico da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Design Gráfico.

Orientação: Prof.ª Dra. Rosana Horio Monteiro

Goiânia 2017

Isadora Cunha Caldas

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Cunha Caldas, Isadora
CANTANDO COM O BOI DE MAMÃO [manuscrito] : Design editorial infantil / Isadora Cunha Caldas. - 2017. LXXX, 80 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Rosana Horio Monteirio.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Design Gráfico, Goiânia, 2017.
Bibliografia. Anexos.
Inclui fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. design editorial. 2. ilustração. 3. boi de mamão. I. Horio Monteirio, Rosana, orient. II. Título.

CDU 745/749

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO

ISADORA CUNHA CALDAS

CANTANDO COM O BOI DE MAMÃO
Design editorial Infantil

Trabalho de conclusão de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design Gráfico da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Defendido e aprovado publicamente em 30 de novembro de 2017, pelos seguintes membro da banca:

Prof.ª Dra. Rosana Horio Monteiro – Orientadora
Universidade Federal de Goiás

Prof.ª Dra. Adriana Aparecida Mendonça – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Wagner Bandeira da Silva – Avaliador
Universidade Federal de Goiás

GOIÂNIA 2016

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos se direcionam às pessoas que me ajudaram e apoiaram durante todo o processo.

À minha família por estar sempre presente e pelo apoio imensurável.

À professora Rosana Horio Monteiro por ter aceitado fazer parte desse trabalho, por ter lhe incentivado quando ainda era apenas um projeto, pela paciência e orientações.

À professora Adriana Aparecida Mendonça por dividir comigo seus livros, processos criativos e de ilustração, por abrir a aula de aquarela pra que eu pudesse participar como ouvinte durante o desenvolvimento desse TCC, pela orientação do projeto “A Menina Maricota” e pelo encorajamento nos trabalhos que produzo.

Aos Grupos folclóricos de boi de mamão, principalmente a Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche, por permitirem acompanhá-los, fazer parte das suas rotinas de apresentações e por toda atenção e carinho.

Agradecimentos a todos os que aceitaram fazer entrevistas, trocaram conversas e experiências, deram palpites, devotaram tempo e atenção; desde as pessoas desconhecidas que me deram carona quando eu estava cheia de mochilas e equipamentos fotográficos até os mais presentes no meu dia-a-dia e nas minhas produções.

Através da ficção a gente pode voar, criar castelos, ricos, pobres, pode viajar sobre o mar, andar sobre as águas dos rios, passar por cima daquelas corredeiras sem nada sofrer, conversar com os pássaros, conversar com os outros animais, numa linguagem toda especial, criar projetos fabulosos, visitar o Céu, conhecer Nosso Senhor como Isaías conheceu, em sonho, e o sonho é uma espécie de ficção, eu acredito que seja uma grande ficção, é uma coisa fabulosa. Eu gosto muito, porque aí eu saio de dentro desse mundo, esse mundo, como é que eu quero dizer, esse mundo louco, esse mundo desesperado, essa terra velha, carcaça, carcomida, louca, eu fico à parte, como se tivesse voando.

(CASCAES, 1981)

RESUMO

O trabalho aqui apresentado é a produção de um livro infantil ilustrado impresso a partir de um tema folclórico de Santa Catarina, o “boi de mamão”. O material apresenta as letras das canções cantadas na manifestação do folguedo como conteúdo, com ilustrações dos personagens do enredo acompanhado de um encarte com CD e um QR Code com a gravação das mesmas. Para a produção do livro pesquisei acervos bibliográficos e fotográficos sobre o tema, acompanhei e registrei grupos existentes do folguedo durante suas preparações e apresentações, entrevistei nativos da região e educadores infantis, que utilizam desse folclore como conteúdo pedagógico. Cantando com o boi de mamão é um convite lúdico para o contato da criança com uma das ricas manifestações folclóricas brasileiras.

Palavras-chave: design editorial; ilustração; boi de mamão

ABSTRACT

The work presented here is the production of an illustrated printed children's book based on a folkloric theme of the state of Santa Catarina, “boi de mamão”. The material

presents the lyrics of the songs sung in such event as content, with illustrations of the characters of the plot accompanied by a booklet with CD and a QR Code with the recording of the songs. For the production of the book I searched bibliographical and photographic collections on the subject, following and registering existing local folk groups during their preparations and presentations. Natives of the region and educators for children who use this folklore as pedagogical content were also interviewed. Singing with the boi de mamão is a playful invitation for the childrens's contact with one of the rich Brazilian folkloric manifestations.

Keywords: editorial design; illustration; boi de mamão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Loja de lembranças da Ilha no Mercado Público 18
Figura 2- Boi de Mamão na Chuva..... 19
Figura 3 - Site da Prefeitura de Florianópolis 19
Figura 4- Boi Mamão com a Cabeça de Mamão..... 20
Figura 5– A Virgem com o Menino. 22
Figura 6– Livro O Boi de Mamão..... 25
Figura 7– Mais detalhes do livro O Boi de Mamão 26
Figura 8– Mais detalhes do livro O Boi de Mamão 26
Figura 9- Com a Corda Toda (Gangorra) 27
Figura 10– Mais detalhes do Gangorra com a corda toda..... 27
Figura 11 Figura 11- TIC TIC TAC 28
Figura 12– Mais detalhes do TIC TIC TAC 29
Figura 13– Mais detalhes do TIC TIC TAC 29
Figura 14- Na Casa da Ruth..... 30
Figura 15– Mais detalhes do DVD Na Casa da Ruth 30
Figura 16– Mais detalhes do DVD Na Casa da Ruth 31
Figura 17– Entrevista com educadores infantis 34
Figura 18– Entrevista com educadores infantis 34
Figura 19 – Acompanhamento de grupos de boi de mamão 34
Figura 20– Acompanhamento de grupos de boi de mamão 35
Figura 21 - Painel cultura açoriana com imagens do NEA 36
Figura 22- Painel das chitas 37
Figura 23- Painel dos personagens..... 37
Figura 24- Painel da cultura açoriana 38
Figura 25- Estudo de aproveitamento de papel 41
Figura 26- Ergônomia do livro 42
Figura 27- Geração de GRID coluna..... 43
Figura 28- Geração de GRID modular 43
Figura 29– Caracteres Infantis 45
Figura 30– Fonte Fábula..... 47
Figura 31– Estudo da fonte 47
Figura 32- Fonte Sassoon Primary Infant..... 48
Figura 33- Estudo da fonte 48
Figura 34- Fonte Nunito 49
Figura 35– Estudo da fonte Nunito..... 49
Figura 36– Estudo da fonte Nunito..... 49
Figura 37 – Rascunhos e aquarela para a contracapa 50
Figura 38– Contracapa finalizada..... 50
Figura 39–Rendas de bilro, do Núcleo de Estudos Açorianos..... 51
Figura 40– Mancha para o fundo dos registros fotográficos 51
Figura 41– Página finalizada dos registros fotográficos..... 52
Figura 42– Fitinhas encontradas em festividades que o boi se apresenta 52
Figura 43– Curso pintura digital Wesley Rodrigues..... 53
Figura 44 - Illustrated Map of the world 54
Figura 45– Curso pintura digital Wesley Rodrigues..... 54
Figura 46- Ilustração Raíssa Bulhões..... 55
Figura 47- Livro O cabelo de Lelê 55
Figura 48- Alphabet children's book illustration..... 56
Figura 49- Storyboards do livro..... 57
Figura 50- Storyboards do livro em aquarela..... 57
Figura 51- Rascunhos dos personagens..... 58
Figura 52- Processo criativo do personagem 59
Figura 53- Processo criativo do personagem 59

Figura 54 - Processo criativo do personagem 59
Figura 55- Processo criativo do personagem 59
Figura 56– Capa 60
Figura 57– Contracapa e CD 61
Figura 58- Ficha técnica e “Este livro pertence a” 61
Figura 59– Crianças correndo 62
Figura 60– Boi dançante 62
Figura 61-A Morte do boi 63
Figura 62- Benzedeira 63
Figura 63– Mancha para o fundo dos registros fotográficos 64
Figura 64-A Bernunça 64
Figura 65-Registros fotográficos 65
Figura 66-Registros fotográficos 65
Figura 67- Folhagem 66
Figura 68- Capa do livro a menina Maricota 67
Figura 69 - Pôster do projeto 68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise de Similares 42
Quadro 2 – Parâmetros tipográficos para livros infantis 58
Quadro 3 – Quadro com a relação do uso da serifa.....60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
1.1. Objetivo Geral 15
1.2. Objetivos Específicos 15

2 "BOI DE MAMÃO, SUA ORIGEM, RELAÇÃO COM O PÚBLICO ALVO E IMPORTÂNCIA PARA O CENÁRIO REGIONAL DE SANTA CATARINA 16

3 ILUSTRAÇÃO E LITERATURA INFANTIL: ENTENDENDO A CRIANÇA COMO UM SER CRÍTICO E ANALÍTICO 22

4 ANÁLISE DE SIMILARES 25

5 ENTREVISTAS 33

6 PAINÉIS SEMÂNTICOS 36

7 CONCEITUAÇÃO 39

8 LISTA DE REQUISITOS 40

9 DESENVOLVIMENTO DO LIVRO 41
9.1 Suportes 41
9.2 Diagramação 42
9.3 Tipografia 44
9.4. Grafismos 50
9.4. Cores 53
9.5. Ilustração 53

10 RESULTADO DO LIVRO "CANTANDO COM O BOI DE MAMÃO" 60

11 DESDOBRAMENTO DO TRABALHO: PROJETO A MENINA MARICOTA 67

12 CONCLUSÃO 69

ANEXO A 70

ANEXO B 72

ANEXO C 78

REFERÊNCIAS 79

1 INTRODUÇÃO

Naqueles que poderiam ser os últimos semestres da minha graduação em design gráfico comecei a fazer uma retrospectiva dos trabalhos feitos no curso e percebi o meu envolvimento constante com o público infantil., A partir dessa constatação e do meu interesse por ilustração e editorial, revi um pouco mais de minha história de vida, meus interesses quando criança, e alguns planos para o futuro.

Sou nativa da ilha de Santa Catarina e quando criança era fascinada por história brasileira, lendas e principalmente as crendices que escutava dos mais velhos. Pelas queixas dos mesmos de que a cultura estava se perdendo e pela minha curiosidade em saber mais sobre os fatos relacionados a seres monstruosos que eram vistos perto do mar, das benzeduras que curaram meus parentes mais velhos, as superstições, por exemplo, de como se protegiam das bruxas e que formas elas podiam tomar.

Diante dessas inquietações tracei um plano. Era simples, consistia em correr pela cidade e seus arredores e arquivar, escrever, documentar o máximo de histórias antigas e relatos pessoais sobre o tema. Muito pequena acreditava lá no fundo, ainda que não contasse a ninguém, que dividia aquela terra com toda essa fantasia. Foi quando a dona Lis, minha mãe, me disse que alguém já havia feito todo esse trabalho e me apresentou as estórias do escritor, pesquisador da cultura açoriana, folclorista, ceramista, antropólogo e gravurista brasileiro Franklin Cascaes.

Comecei então durante esse período da faculdade uma busca por enredos traçados por Cascaes que pudessem ter alguma adaptação já pronta para o público infantil e acabei sem muito sucesso nos resultados. Foi quando na orientação dos projetos para o Trabalho de Conclusão do Curso, nas conversas sobre design editorial com a professora da disciplina na época, e hoje minha orientadora, Rosana Horio Monteiro, começamos a falar sobre encartes de CDs, livros infantis relacionados à música e várias referências que ela conhecia e na hora tive um insight sobre o tema a ser trabalhado, o folguedo, tão representado nos arquivos de Franklin Cascaes e tão querido ainda hoje pela população manézinha[1],o boi de mamão.

O objetivo principal do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi a construção de um livro destinado ao público infantil em fase de alfabetização. Como objeto de estudo foi pesquisado a manifestação folclórica “Boi de mamão”, típica do estado de Santa Catarina (SC).

O desenvolvimento desse trabalho foi feito a partir de pesquisas sobre design editorial, ilustração infantil e do “boi de mamão”, por publicações de livros, artigos e projetos, visitando acervos nos museus catarinenses, entrevistando antigos moradores, pedagogos e pesquisadores sobre o folclore e arte catarinense

Pretendo que esse trabalho contribua para a preservação da cultura do litoral catarinense e que o livro produzido como resultado dessa pesquisa desperte o interesse do público infantil, que muitas vezes não tem acesso a essas manifestações culturais.

[1]"Mané", ou no diminutivo "manezinho", é o termo popular para quem nasce na ilha de Florianópolis, deriva do nome Manuel, nome ibérico de origem hebraico-cristã e comum em Florianópolis/Nossa Senhora do Desterro e principalmente na terra dos colonizadores portugueses.

1.1. Objetivo Geral

Produzir o protótipo de uma peça gráfica para o público infantil, em conjunto livro e CD, que contenha as canções e ilustrações referentes aos grupos folclóricos de boi de mamão. O livro tem como público-alvo crianças em fase de alfabetização, porém se sabe que poderá ser trabalhado com outras idades. Utilizando-se de pesquisas com educadores infantis, moradores antigos da Grande Florianópolis, pesquisas folclóricas e acompanhamento e registro de grupos de boi de mamão foi feito um arquivo fotográfico que para ser utilizado como referência visual e motivacional durante o trabalho. Foram feitos também estudos em design, sempre relacionados à faixa etária estudada, de tipografia, ilustração, diagramação e para o suporte.

1.2. Objetivos Específicos

- Fazer um levantamento bibliográfico sobre o folclore do litoral catarinense;
- Pesquisar as características do “boi de mamão”;
- Recolher as canções que compõem o “boi de mamão”;
- Realizar um projeto editorial de um livro infantil;
- Produzir as ilustrações do livro.

.

2 “BOI DE MAMÃO, SUA ORIGEM, RELAÇÃO COM O PÚBLICO ALVO E IMPORTÂNCIA PARA O CENÁRIO REGIONAL DE SANTA CATARINA

Dentre várias possibilidades de objeto de estudo delimitou-se o folclore brasileiro primeiramente. Então foram levantadas festividades, lendas e figuras dentro desse contexto e a autora escolheu trabalhar com algo com o que tivesse afinidade, escolhendo, assim, duas possíveis delimitações que lhe agradavam, o autor Franklin de Cascaes e suas histórias “bruxólicas” ou o folguedo boi de mamão.

Como meu outro interesse era desenvolver ilustração infantil no projeto de conclusão do curso, e a partir das pesquisas sobre o boi de mamão decidi centrar minha pesquisa nessa manifestação cultural. O trabalho final consistiria então no desenvolvimento de um livro infantil ilustrado sobre o boi de mamão, cujo conteúdo seriam as canções folclóricas do boi de mamão. Sendo assim, além do livro, existirá também um CD e o encarte no projeto gráfico.

O boi é uma figura de importância na cultura brasileira. Por muitos anos foi o meio de tração e trabalho para várias funções rurais, de transporte e servil. Ele é representado em festividades em várias regiões do Brasil acompanhado de enredos, músicas e personagens diferentes, como o bumba meu boi, boi-calemba, boi bumbá, boi estrela-do-mar, boi dos reis, boi de jacá, mas boi de mamão é apenas da região litorânea catarinense.

Existem controvérsias em torno do surgimento do nome do boi de mamão por parte dos historiadores. Para Cascaes o nome veio de uma depreciação de um boi em específico que era jovem e talvez imaturo, muito “mamão”, aquele que mama; outros pesquisadores, no entanto, argumentam que o nome foi dado pelo uso do fruto mamão, o seu formato e o possível uso dele para construir a cabeça do boi. Há ainda outras fontes que apontam que o termo veio de um homem que costumava beber muito; alguns relatam que ele escondia a bebida no chifre do boi. O que todos concordam é que antes de ter o nome que conhecemos hoje ele teve outros nomes como “boi de pano” e “boi falso”.

A origem do boi de mamão também é discutida, uma vez que pelo menos três possíveis origens para o folguedo. A mais conhecida é que ele foi levado até Florianópolis pelos imigrantes açorianos, porém muitos historiadores não concordam com essa afirmação. Segundo Pereira,

> também é frequente dizer-se, aliás, apressada e equivocadamente que o boi de mamão teve origem com a vinda dos açorianos, transportados para a ilha de Santa Catarina na metade do século XVIII e obedecendo a Provisão Régia de 09 de agosto de 1747, assinada pelo Rei Dom João V, de Portugal. O boi de Mamão não tem origem direta dos Açores e, mesmo porque lá não existe e nem existiu qualquer manifestação parecida (2010, p. 21).

Os pescadores e as rendeiras de Florianópolis eram e ainda são responsáveis pela maioria desses causos fantásticos. [...] seus antepassados vieram, como imigrantes, do arquipélago de Açores. [...] Era uma gente trabalhadora, religiosa e também supersticiosa, cujas histórias, lendas, mitos, festas populares e costumes ajudaram a formar a nossa história e a nossa cultura (BARBOSA, 2005, p. 6).

De acordo com Nereu do Vale Pereira (2010), a dança folclórica teria viés ibérico, especialmente espanhol, e defende que existe um folguedo juvenil muito

próximo ao “boi de mamão”, que pode ser encontrado na Espanha, chamado *Juego de la Vaquila, El toro de Mimbre*, ou, ainda, Toro Falso. Além dessas teorias existe ainda a que o boi é uma transferência do folguedo nordestino para Santa Catarina. Osvaldo Ferreira de Melo (1949) encontrou nos seus estudos antropológicos sobre a cultura negra e seu folclore no Brasil o ritmo musical adotado no Bumba-meu-Boi do Nordeste e todo o enredo de morte e ressureição do boi (enredo típico do boi de mamão), dentro de um ritual religioso africano, como uma oferta aos totens e trazido para o Brasil pelo mercado escravista (PEREIRA, 2010).

O que nenhum historiador discorda é que tenha ou não sido trazido pelos açorianos os mesmos tiveram uma influência enorme na construção do boi de mamão. Não apenas em elementos visuais, mas também na música, letra e ritmo. Nereu do Vale Pereira conta no livro “O Boi de Mamão: Folguedo Folclórico da Ilha de Santa Catarina”, ao apontar as várias diferenças entre o “bumba-meu-boi” e o boi de mamão, destaca que a música do “bumba-meu-boi” tem raízes na cultura negra, enquanto a do “boi de mamão” tem bases açorianas evidentes, como, por exemplo, a do cavalinho, com pedaços de músicas populares portuguesas.

O “boi de mamão” conta a história de um boi muito querido que morre e que ressuscita, mas fora o boi existem outros personagens importantes e dependendo do grupo que o apresenta esse conjunto de personagens pode variar.

A Bernunça é um dos personagens mais icônicos, sendo exclusivo do folguedo do “boi de mamão” e não é encontrado no resto do Brasil, o que a torna um símbolo folclórico regional. O nome tem algumas variações, tais como Bernuncia, Bernuco, Coca e Jacaré, mas Bernunça e Bernuncia (palavra oriunda da fala do manézinho) são as mais usadas. Ela é um bicho comprido, sendo preciso mais de uma pessoa para dar vida a ela, tem uma boca enorme e que pela história come crianças levadas e mal comportadas. Durante a brincadeira do boi de mamão sempre tem algumas crianças que são engolidas e participam da dança fazendo parte do seu grande corpo. Pereira esclarece que

> a comissão catarinense de folclore já inseriu em seu Boletim de circulação anual, inúmeros artigos acerca dessa grotesca figura demoníaca denominada de bernunça, que tem origem em uma figuração do demônio que ataca as crianças ainda não batizadas (2010, p. 32).

Outro personagem do enredo, A Maricota, é uma figura do sexo feminino, que utiliza brincos, bordados, vestido de chita e laços. Ela gira no meio da roda formada pelo público fazendo com que seus braços rodopiem, é uma personagem bem alta, lembrando os bonecos de Olinda pelo seu comprimento. Conversando com alguns antigos moradores da ilha, soube que a Maricota, muitas vezes vestida por crianças e adolescentes, anos atrás, tentava acertar pessoas da roda que assistiam ao folguedo com suas mãos de saco de areia ou arroz enquanto rodopiava e que desviar da sua mão também fazia parte da brincadeira.

Além desses personagens existem outros, como a cabra, o cavalinho, o urso, o macaco, o médico e/ou a benzedeira e o urubu.

A razão para a escolha desse tema entre outros folclóricos para o público infantil se deve ao sucesso do “boi de mamão” com as crianças onde ele é apresentado. Sobre a relação criança e folclore,Nelly Novaes Coelho explica que.

> mediante as linguagens que funcionam e tem receptividade ao público infantil, entre as crianças e o povo há uma grande identificação psicológica e emotiva, reagem aos estímulos do ambiente mais pelos sentidos, pelos sentimentos do que pela razão. Nessa ordem de ideias, compreende-se a atração que a linguagem poético-musical de natureza popular exerce sobre a criança. É o caso das cantigas de roda, parlendas, provérbios, etc. [...] (2000, p. 232).

A representatividade do folguedo do “boi de mamão” na Grande Florianópolis reflete a importância dele para a sociedade local como referencial histórico e cultural. Além disso, tornou-se um dos símbolos que representam a ilha, um elemento visual associado à região para os turistas. A seguir apresento algumas fotos produzidas na cidade de Florianópolis pela autora.

Figura 1 - Loja de lembranças da Ilha no Mercado Público, representatividade do “boi de mamão” no folclore Catarinense.

A imagem acima foi feita no Mercado Público de Florianópolis em uma loja frequentada principalmente pelos turistas com peças artesanais, entre as quais nota-se alguns personagens do “boi de mamão”. Existem várias lojas como essa na cidade e todas têm objetos referentes ao folguedo como souvenir. Na imagem também se pode observar outras representações açorianas que aparecem no trabalho, como a arquitetura e a de renda de bilro[2].

[2] A renda de bilro é uma renda de origem portuguesa, produzida a gerações na cidade de Florianópolis. Feita sob uma almofada, com ajuda de alfinetes e pesos de madeira, chamados de bilros, que ajudam a traçar os desenhos.

Figura 2- Boi de Mamão na Chuva de Elias Andrade (2015), representatividade do "boi de mamão" no folclore Catarinense. Reprodução da autora (2016).

A figura 2 reproduz o quadro "Boi de Mamão na Chuva", do artista Elias Andrade, que está exposto no NEA, Núcleo de Estudos Açoriana. A obra mostra como o folguedo está presente nas representações artísticas da ilha e intrínseco na cultura açoriana.

Figura 3 - Site da Prefeitura de Florianópolis, representatividade do "boi de mamão" no folclore Catarinense. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/>. (Acesso em: 15 jun. 2016)

Essa imagem (Fig. 3) foi retirada da página principal do site da Prefeitura de Florianópolis, onde pode-se perceber a logo da Fundação Franklin Cascaes, que utiliza a Bernunça, personagem presente apenas no boi de mamão, como símbolo cultural e folclórico.

Figura 4- Boi Mamão com a Cabeça de Mamão, de FrankilnCascaes (1979), representatividade do "boi de mamão" no folclore Catarinense. Reprodução da autora (2016).

O quadro anterior é o "Boi Mamão com a Cabeça de Mamão", de 1979, de autoria de Franklin Cascaes. Cascaes foi um pesquisador que dedicou sua vida aos estudos sobre o folclore, costumes, lendas e superstições da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina.

As cantigas do boi de mamão, apesar de contarem o enredo do boi, são desconexas entre si, deixando lacunas para uma possível narrativa literária por meio de ilustrações. Sendo assim, o livro tem seu conteúdo direcionado para as canções, mas com elementos que possam traçar essa narrativa, a partir de personagens e cenários.

Por se tratar de um folguedo, uma tradição folclórica, as canções irão se manifestar com algumas peculiaridades dependendo da região ou do grupo de boi de mamão, porém existem estrofes e rimas que são comuns entre quase todas as fontes em que se pode procurar as canções.

Investigando as canções do boi de mamão, tive acesso a um levantamento histórico desenvolvido pelo NDI – Núcleo de Desenvolvimento Infantil, que é vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No NDI foram desenvolvidos projetos de extensão e pesquisa relacionados ao "boi de mamão", com foco na educação. O núcleo, com a coordenação do pesquisador Peninha, que é discípulo e responsável pelo acervo de Franklin Cascaes, produziu um CD com as canções do boi, interpretadas por crianças e professores de música.

Desse projeto de extensão e pesquisa desenvolvido pelo NDI, foram selecionadas as cantigas mais famosas e a ordem que elas seguem no CD que encarta o livro produzido por mim. As músicas que serão utilizadas como conteúdo do livro e alguns comentários sobre as mesmas estão nos anexos 1 ao (x).

Com o contato com o Núcleo de Desenvolvimento Infantil e a abertura dos pesquisadores dentro desse espaço realizei algumas entrevistas e acompanhei trabalhos e apresentações relacionados ao “boi de mamão”. Junto deles tentei entender algo importante no 3processo do livro e que não é encontrado em bibliografias, ou seja, como se dá a relação desse folguedo comas crianças.

O resultado entrevistando a diretora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil, a professora de artes técnica em assuntos educacionais Vânia Maria Broering, realizadora do projeto há mais de 10 anos, e participando de algumas atividades que eles realizam desse projeto foi bem satisfatório. Além de aprender mais sobre o objeto de estudo (todo o processo desde a fabricação, estórias e como foi introduzido em um projeto de extensão) pude observar como é de rápida aceitação e simpatia das crianças, mesmo aquelas que não conheciam o folguedo. Ficou evidente, coisas que haviam sido levantadas na pesquisa, que a música e essa relação com o folclore faz com que a atividade seja de interesse de várias gerações, pelo sucesso entre crianças de diferentes idades, pais e educadores.

Também pode ser realizada por várias idades pois os personagens são facilmente adaptados em vários tamanhos a própria brincadeira gera interação seja assistindo, cantando, tocando instrumentos ou fazendo parte da dança. Os educadores do projeto contam que utilizam da atividade não apenas como exercício cultural, mas para unir turmas que tem conflitos (muitas vezes de idades diferentes), ou gerar aceitação de novos alunos de uma forma natural.

3 ILUSTRAÇÃO E LITERATURA INFANTIL: ENTENDENDO A CRIANÇA COMO UM SER CRÍTICO E ANALÍTICO

De acordo com a tese do historiador francês Philippe Ariès, citada no livro *O brinquedo na literatura infantil*: uma leitura psicanalítica, de Ninfas Parreiras (2008), o conceito “infância” foi reformulado a partir da metade do século XVIII, após a Revolução Industrial pela necessidade de inserir a criança nos meios de produção. A burguesia, a industrialização e a modernização da sociedade foram imprescindíveis para essa mudança na organização da família e criança como é conhecida hoje. De acordo com Parreiras,

> A partir de meados do século XVIII e início do século XIX a criança recebeu um status próprio, como uma fase de desenvolvimento. A educação das crianças antes a atribuídas às reuniões de trabalhos e de lazer, passou a ser feita pela escola. Em consequência, houve a ruptura do contato e do diálogo entre adultos e crianças que marca o contexto da infância contemporânea (PARREIRAS, 2008, p. 57).

Pode-se notar essa mudança na construção de família pela reprodução da criança na arte medieval, que era um homem em escala reduzida e a do século XVIII pela figura a seguir:

Figura 5– A Virgem com o Menino, Museu Dioceano da Igreha de San Goirgio, em Florenla. GIOTTO. Séc. XIII. <http://www.snpcultura.org/>. Acesso em: 15 jun. 2016.

> Na passagem do século XIX para o século XX o surgimento de ciências como a psicologia, a pedagogia e a psicanálise, transformaram profundamente a sociedade no entendimento do desenvolvimento humano, inclusive a infância. “A criança passou a ser vista como um ser completo, não um vir a ser” (PARREIRAS, 2008, p. 57).

Dessa discussão interessa-me o entendimento da criança como indivíduo pensante, um ser com suas peculiaridades, mas com discernimento, análise e crítica sobre o mundo a sua volta; mais do que isso, um ser político, um cidadão, um sujeito desejante.

A criança mesmo como um sujeito analítico e crítico não tem uma classe com voz, como afirmam Palo e Oliveira (2006) em *Literatura infantil*: voz de criança. As crianças não ditam seus valores; ao contrário, são e devem ser conduzidas pelos que têm autoridade para tal: os adultos. Como observa Parreiras,

> a literatura para crianças não precisa trazer um texto simplificado, nem diminutivos ou linguagem que trate a criança como um ser incompleto. Uma literatura para crianças comprometida com a estética deve trazer textos e ilustrações isentos de moralismos, de estereótipos, de preconceitos e ricos em imagens que suscitem deleite, debate e até mal-estar. Uma literatura que traga a experiência do estranho para a criança (2008, p. 53).

Esse entendimento do universo infantil mostra-se como uma gangorra a ser equilibrada dentro do editorial infantil, onde não se deve subestimar a assimilação e contemplação de uma criança para com o objeto, mas também deve-se compreender que somos os responsáveis pelo que e como isso será transmitido, afinal estamos apresentando às crianças o que antes lhes era estranho:

> a personagem-criança no espaço-tempo de sua consciência não mais se caracteriza pelo que faz exteriormente mas pelo que imagina, deseja sonha, lembra atributos do seu mundo interior; não uma coisa depois da outra, mas tudo ao mesmo tempo, nas dimensões de um espaço-tempo dinâmico e relativo (PALO e OLIVEIRA, 2006, p. 34).

Para se construir para o público infantil deve-se fazer algo que seja de linguagem universal, que esteja no consciente coletivo, na subjetividade simbólica da mente humana, porém não se deve confundir isso com fazer o banal ou ordinário. Trata-se do estudo da essência da forma, de pregnância, de cores e símbolos comuns a nós humanos para uma atratividade e entendimento melhor das crianças.

Por isso, também definir uma faixa-etária para a linguagem visual ou literária infantil é contraditório, de acordo com Palo e Oliveira (2006). No presente trabalho defini uma faixa-etária como foco, que é a criança em fase de alfabetização, porém

essa opção será mais relevante para a escolha tipográfica, ergonômica e do suporte do que para a seleção do conteúdo e ilustração.

A ilustração para o livro infantil desde os seus primórdios tem procurado promover diálogo entre a imagem e o texto verbal. Ela se difere de uma pintura ou uma ilustração independente, pois está ali para, como afirmam Palo e Oliveira (2006), “ilustrar” o livro, dar-lhe lustre; trazer outra linguagem. A pintura, por exemplo, por sua vez, tem sentido nela mesma, sem depender de outras pinturas necessariamente enquanto a ilustração em livros segue uma linha narrativa e estética com o texto e até o projeto gráfico. Ela precisa ser trabalhada dessa maneira para que o objeto livro funcione como um todo:

> o que distingue uma obra literária de um livro de história para crianças é o predomínio da função poética sobre outras funções da linguagem. É principalmente um texto rico em metáforas e outras figuras de linguagem. Onde há um trabalho estético com as palavras, em que as orações ou versos foram lapidados. As palavras e os desenhos não estão em sua forma bruta, sofreram um trabalho (PARREIRAS, 2008, p. 51).

Durante a pesquisa de similares foi observado que apenas um livro para o público infantil circula em grande mercado, o livro “O Boi de Mamão” de Rogério Andrade Barbosa (Fig.6), sendo utilizado em várias escolas da região litorânea de Santa Catarina como material didático. Fora esse material, existem livros comercializados pelos grupos de boi de mamão e de trabalhos acadêmicos como o do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC, o NDI, porém o comprometimento maior deles não é com o design gráfico e editorial infantil.

4 ANÁLISE DE SIMILARES

A seleção a seguir analisa peças gráficas similares e tangenciais que sejam relacionadas aos variados aspectos desse trabalho: ilustração, disposição gráfica e canções como conteúdo para a proposta editorial. As peças gráficas são: O Boi de Mamão (BARBOSA, 2005), Gangorra – Com a corda Toda (GANGORRA, 2013), TIC TIC TATI (FORTUNA, 2012) e Na Casa da Ruth (FORTUNA, 2009).

A escolha dessas peças gráficas se deu pela proximidade dessas obras com o público-alvo definido para esse trabalho e por estarem relacionadas com temas folclóricos , assim como para estudos de diagramação, variação de suporte, ilustração, iteratividade objeto e criança, leiturabilidade e legibilidade e estudos ergonômicos.

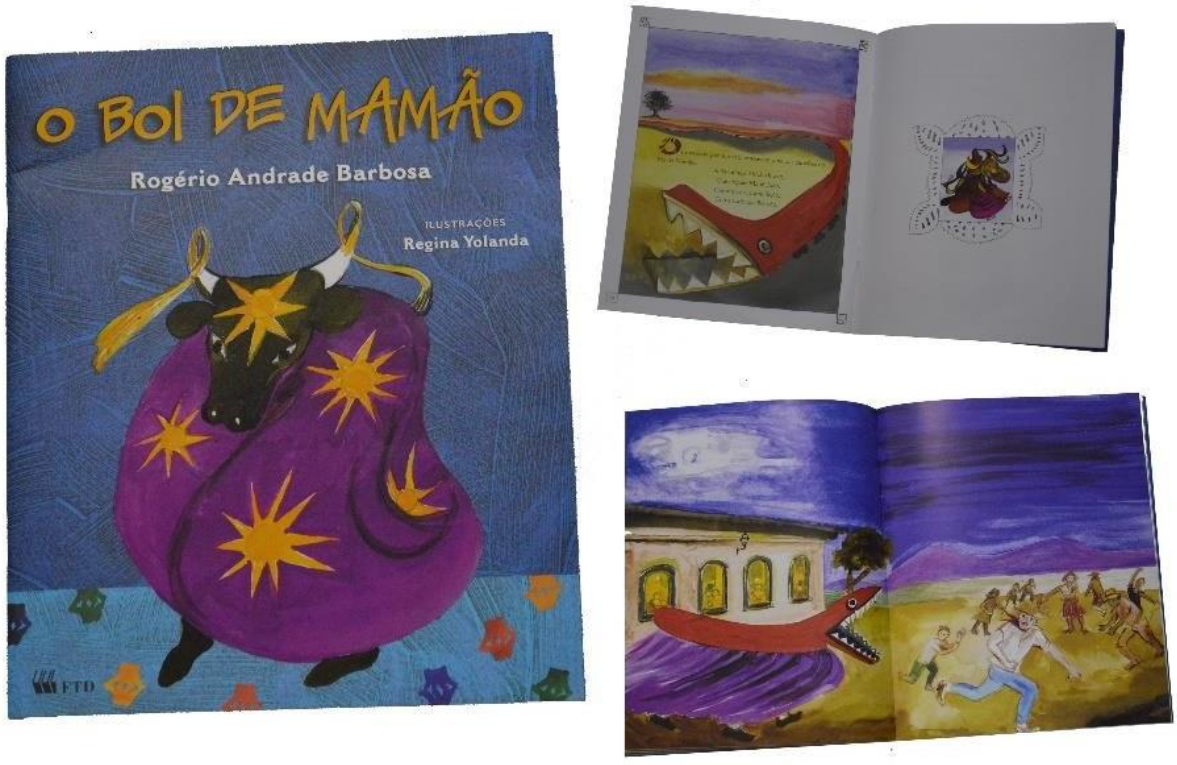


Figura 6– Livro O Boi de Mamão (Rogério Andrade barbosa e 2005). Reprodução da autora (2016)

O Boi de Mamão (BARBOSA, 2005) foi escrito por Rogério Andrade Barbosa, que desenvolve trabalhos com o tema folclore brasileiro e literatura afro-brasileira. Com esse livro ganhou o prêmio da FNLIJ – Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil de 2005. A narrativa trata de dona Bentinha, antiga moradora de Florianópolis, contando suas histórias repletas de tradições locais.

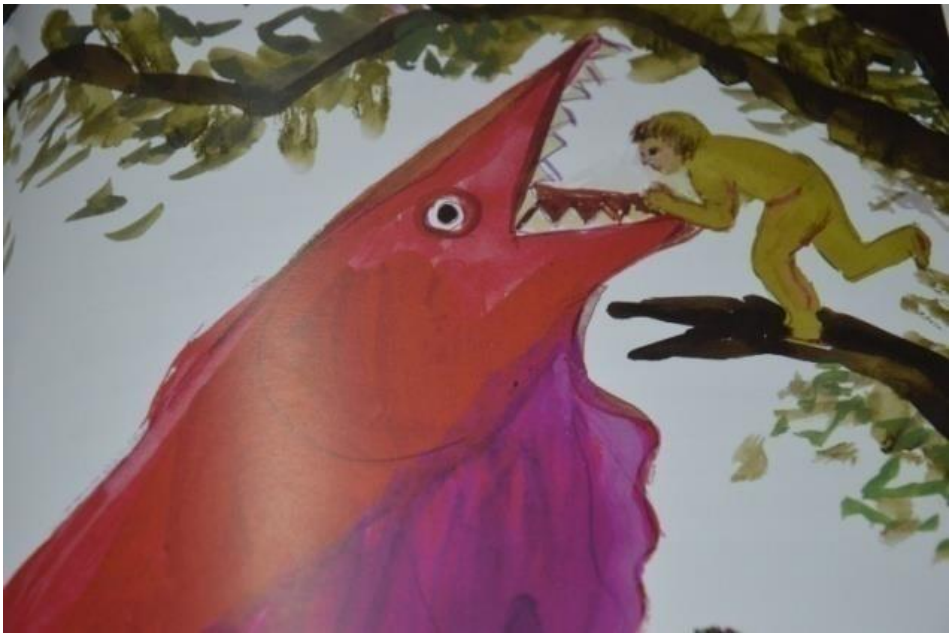


Figura 7– Mais detalhes do livro O Boi de Mamão (Rogério Andrade barbosa e 2005). Reprodução da autora (2017)

Figura 8– Mais detalhes do livro O Boi de Mamão (Rogério Andrade barbosa e 2005). Reprodução da autora (2017)

O livro tem uma ótima abertura e mesmo utilizando a encadernação canoa ele permanece aberto sem a necessidade de ficar segurando as páginas. A abertura dessa forma justifica-se pelo formato do livro que tem uma grande largura, criando peso nas extremidades. As ilustrações do livro são de autoria de Regina Yolanda, em tinta nanquim e grafite e depois digitalizadas. São muito coloridas, mas com cores em tons escuros, tendendo para as cores quentes. Utiliza grafismos que fazem caixas em volta de textos e outros que parecem rendas de bilro e pão-por-deus,

tradicionais da cultura açoriana local. A diagramação está confusa em algumas páginas. A fonte tem uma ótima legibilidade, porém o texto tem uma boa leiturabilidade.

É o único livro encontrado em livrarias e lojas, durante o processo de pesquisa para o TCC, o de maior circulação encontrado dos que falam unicamente sobre o boi de mamão para o público infantil.

Figura 9- Com a Corda Toda (Gangorra). Reprodução da autora (2016)

Com a corda toda do grupo Gangorraé um CD musical feito pelo casal Vange Milliet e Paulo Lepetit, da banda Gangorra, com letras inspiradas no filho do casal quando ele tinha cinco anos, feito de suas vivências, perguntas e fantasias. Segundo os autores, o CD foi feito para tentar agradar não só as crianças, que são um público muito exigente, mas também aos pais que as levam aos shows.

O CD tem um suporte bem resolvido, mesmo sendo o menor e menos complexo entre os similares estudados. Conforme a figura x observa-se que ele abre e fecha por velcro, o que é ótimo para crianças e o CD vem acompanhado de um livreto com as canções e uma cartela de adesivos do tipo vinil branco fosco. O livreto tem uma abertura regular como a maioria para esse tipo de função.

Figura 10– Mais detalhes do Gangorra com a corda toda. Reprodução da autora (2017)

O trabalho gráfico dessa peça mostra o cuidado em fazer com que o objeto fosse interativo com as crianças, causando proximidade e intimidade com o conteúdo oferecido. Tal iteratividade é feita pela cartela de adesivos que tem uma conversa direta com as ilustrações do livreto e com espaços entre as músicas onde se propõe que a criança desenhe.

As ilustrações são em flat, as cores são vibrantes, mas não têm muita variação de tonalidades. A capa do encarte e o CD têm a ilustração feita pelo Yuri Milliet da Silva e diferentemente do restante da peça ela é feita com lápis de cor e canetinhas hidrocor e depois digitalizada.

Figura 11 Figura 11- TIC TIC TAC (FORTUNA, 2012). Reprodução da autora (2016)

TIC TIC TATI (FORTUNA, 2012) foi um CD produzido pela artista Fortuna em parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio), tendo os poemas e histórias da escritora russo-brasileira Tatiana Belinky como inspiração.

O suporte, como a obra TIC TIC TATI (figura 11) demonstra, é o mais complexo entre os estudados, porém muito bem resolvido. Ele possui uma estrutura de papel com uma gramatura alta onde é encaixado o CD e os 14 postais com o nome das letras das músicas e as ilustrações, em torno disso um plástico transparente duro que possui recortes atrás para que o livro possa ficar em pé, em exposição em uma prateleira simular a de uma moldura de fotografia.

Figura 12– Mais detalhes do TIC TIC TAC (FORTUNA, 2012). Reprodução da autora (2017)

Figura 13– Mais detalhes do TIC TIC TAC (FORTUNA, 2012). Reprodução da autora (2017)

As ilustrações foram feitas pela ilustradora e artista plástica Vivian Suppa, que usa seu traço livre, sem retas, de texturas, de grafismos e estampas para compor os postais, a capa do CD, o CD e o suporte que envolve essas peças.

Percebe-se também as três cores que regem a peça gráfica um tom turquesa, um tom avermelhado e como cor secundária o amarelo, fazendo sempre um jogo de cores quentes e frias para destacar o que é de interesse para o artista gráfico.

Figura 14- Na Casa da Ruth (FORTUNA, 2009). Reprodução da autora (2016)

O DVD *Na casa da Ruth* (FORTUNA, 2009) foi feito também pela artista Fortuna, apropriando-se de textos da escritora Ruth Rocha, além de quatro canções de domínio público que são elas: Trem Maluco, Borboletinha, Alecrim e Caranguejo.

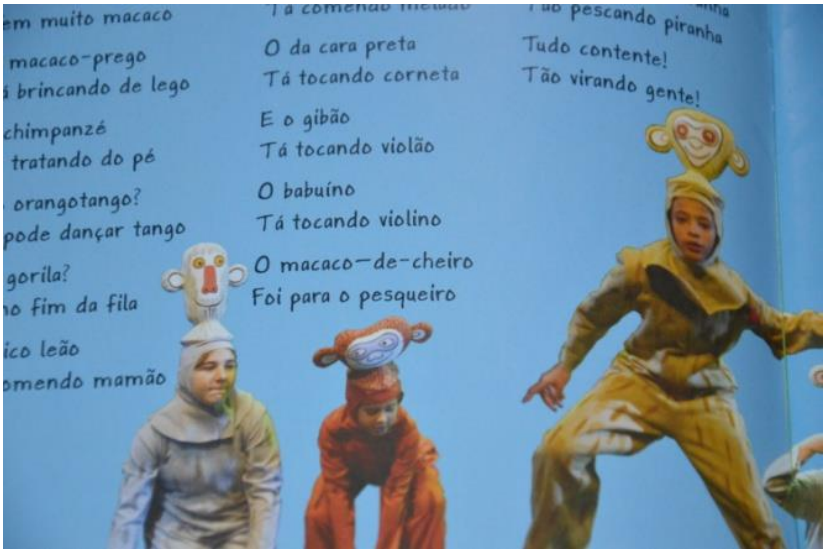


Figura 15– Mais detalhes do DVD Na Casa da Ruth. (FORTUNA, 2009). Reprodução da autora (2017)

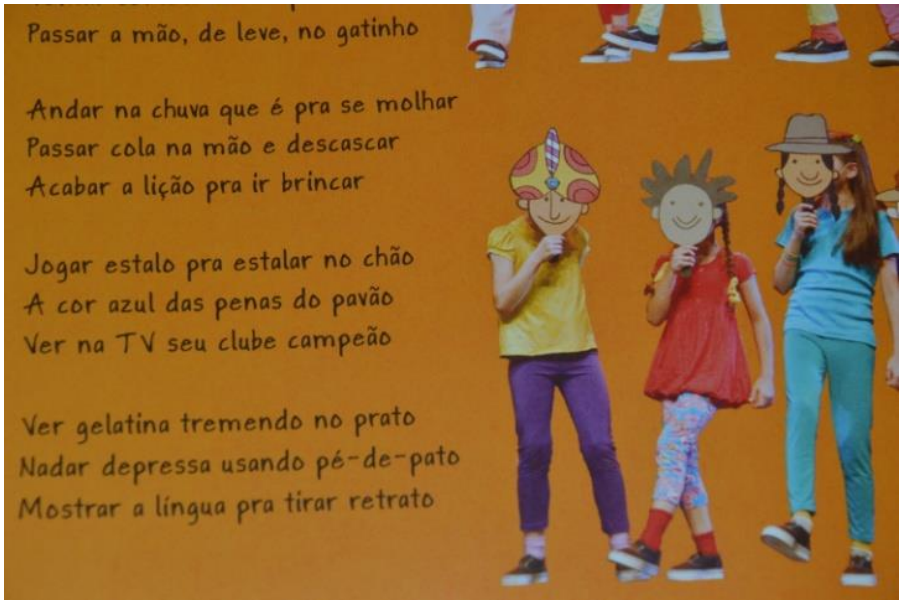


Figura 16– Mais detalhes do DVD Na Casa da Ruth. (FORTUNA, 2009). Reprodução da autora (2017)

O suporte é em formato livro com duas faces, na parte interna a esquerda possui uma aba onde fica o livreto com as canções e a direita o CD. Na capa podemos observar um grande recorte que possibilita que a capa do livreto seja a apresentação desse suporte, ele tem uma “fivela” com velcro para que possa ser fechado e aberto e uma alça para carregá-lo, conforme a figura 14 monstra.

A peça gráfica possui ilustrações, com traçados e texturas estilo giz, com cores vazadas as formas, e fotografias. Possui cores pouco saturadas e muitas variações entre elas. Tem alta legibilidade e leiturabilidade no livreto. Utiliza uma estampa quadriculada para o fundo da capa do livreto, parte interna do suporte e estampa do CD. A seguir um quadro com a relação dos livros analisados:

	Boi de Mamão	**Com a Garra Toda - Gangorra**	**Fortuna TicTac**	**Na casa de Ruth**
Formato	22 x 26,5 cm	14 x 12 x 1 cm	21 x 20 x 2	18 x 23 x 0,5 cm
Peso	0,15 Kg	90g	195g	88g
Páginas	40	24	14	20
Recortes	———	Capa do CD: Nome do álbum recortado em faca especial “ Gangorra”. Dentro do cd: Aba onde vem o livreto com	———	Na capa do suporte principal, de forma que se pode ver a ilustração do livreto.

		as letras e adesivos		
Função	Literatura Infantil	Musica Infantil	Musica Infantil	Musica Infantil
Impressão	Offset	Offset e impressão em CD	Offset e impressão em CD	Offset e impressão em CD
Encadernação	Canoa, grampeado	Canoa, grampeado	Sanfona, destacável	Canoa, grampeado
Legibilidade	Alta	Alta	Alta	Alta
Leiturabilidade	Boa	Regular	Boa	Alta
Ilustração	Uso de tintas, nanquin e grafite. ilustração orgânica	Ilustração da capa feita por uma criança, bem pregnante, as do encarte são ilustrações em flat	Ilustração com uso de grafismos e estampas, bem rebuscada	Traçados e texturas estilo giz, com cores vazadas as formas.
Grafismo	Regulares	___	___	___
Verniz	Localizado, usado na capa na figura	___	Localizado, em todas as ilustrações, mas não no fundo	Em toda a superfície do suporte principal que envolve o livreto e CD
Suporte	Livro	Livreto com as musicas, encarte e CD	Complexo, caixa com abertura para: Encarte do CD e Livreto com canções	Suporte em forma de livro, com livreto na aba a esquerda e o dvd a direita

Quadro 1 – Análise de Similares

5 ENTREVISTAS

Por se tratar de um conteúdo folclórico, passado de geração em geração por relatos orais deve-se levar em consideração como é a construção desse folguedo pela sociedade e o que representa para eles. As entrevistas foram feitas com determinados grupos por diferentes motivos e buscando diferentes contribuições para o projeto.

Moradores Antigos – entender como funcionava o folguedo, quais as diferenças para a atualidade, buscar mais narrativas visuais que possam complementar a ilustração, entender o vínculo afetivo deles com a brincadeira.

Historiadores – para entender o surgimento do boi, seu contexto histórico, como acontecia o folguedo e buscar narrativas para a ilustração. Foram assistidas a palestra “Fragmentos de uma coleção” da Prof. Dra. Aline CarmesKruger, “Preservação do acervo do Franklin Cascaes” com Vanilde Rohling Ghizoni e Conversas em Cascaes de Gelci José Coelho (Peninha).

Educadores – relação que já existe entre o público infantil e o boi de mamão e importância de trabalhar o folclore em sala de aula

Turistas – o que representa o boi de mamão para o turismo e como eles enxergam essa manifestação cultural.

Crianças – elementos semânticos, como são do ponto de vista das crianças os personagens do enredo do boi de mamão.

Grupos de Boi de Mamão – história dos grupos, qual é a importância para eles de manter esse folguedo, documentar visualmente o boi de mamão de diferentes grupos e suas peculiaridades.

As entrevistas (Anexo C) tinham um roteiro como guia principal sempre para que esses objetivos citados a cima fossem atendidos, mas elas acabavam tomando rumos diferentes de forma natural a medida do que era conversado com cada pessoa e pelas experiências que ela tinha.

Os turistas e crianças eram abordados por perguntas sutis, sem parecer que era para um trabalho acadêmico, então não houve roteiro prévio para essas conversas, como por exemplo a menina que curiosa perguntou o motivo das fotos da “Bernunça” e foi perguntado de volta a ela o que achava daquele personagem, se ela tinha medo dele, se achava ela bonito ou feio, se já tinha sido aquele personagem na brincadeira, entre outras.

Para os historiadores a entrevista era com o roteiro mais detalhado e bem preparado pois eu sabia que eles teriam abertura e já esperavam esse tipo de posicionamento, porém por complicações de saúde do convidado não foi possível realizá-las.

As entrevistas com os educadores e pesquisadores foram gravadas em vídeos e áudios, as dos grupos de boi de mamão e moradores antigos a princípio também, porém percebi que as falas acabavam mecânicas e envergonhadas, acabei optando por desligar as câmeras e fazer algo bem despojado, como uma conversa, mas sempre seguindo os objetivos traçados.

Figura 17– Entrevista com educadores infantis, NDI. Reprodução da autora (2016)

Figura 18– Entrevista com educadores infantis, NDI. Reprodução da autora (2016)

Figura 19 – Acompanhamento de grupos de boi de mamão. Reprodução da autora (2017)

Figura 20– Acompanhamento de grupos de boi de mamão. Reprodução da autora (2017)

6 PAINÉIS SEMÂNTICOS

O primeiro painel (Fig.21) é feito das fotografias tiradas pela autora no Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da UFSC e representa fragmentos da cultura açoriana. Nele podemos observar a famosa renda de bilro, com a almofada feita de tecido de chita e os bilros pendurados; chapéus de palha usado muito por pescadores locais; diferentes tramas de rendas; peças da festa do Divino[3]; bois de engenho e de tração para carroça; objetos de cerâmica pintados; esculturas de barro com moradores e figuras folclóricas e barco de pesca.

Figura 21 - Painel cultura açoriana com imagens do NEA. Reprodução da autora (2016)

O painel semântico das chitas (Fig. 22) traz muitas cores vivas e fortes, formas orgânicas e florais. A chita é um tecido barato por ser um algodão de pouca qualidade e de baixo custo se tornou popular entre várias, sendo usadas em várias peças da cultura açoriana e também na confecção dos personagens do boi de mamão.

[3]A festa do Divino é patrimônio histórico, artístico e cultural de Santa Catarina pela Lei Estadual nº 15.731/2012. É uma tradição cristã católica, com mais de oito séculos, introduzida na cultura local pelos açorianos, em celebração a sua devoção ao Espírito Santo.

Figura 22- Painel das chitas. Reprodução da autora (2016)

Os personagens do “boi de mamão” são apresentados de várias formas, tamanhos e cores. O painel semântico dos personagens (Fig.23) foi feito para ilustrar essas diferenças e semelhanças entre os mesmos personagens e para a percepção do uso das cores dentro do folguedo.

Figura 23- Painel dos personagens.

No painel a seguir (Fig.24) estão as fotografias de três livros do acervo do NEA - *A presença portuguesa na arquitetura em Florianópolis* (SOUZA, 1981), *Florianópolis: história e arquitetura* (CARONIA, 2013) – faltou o terceiro livro. Neles estão retratadas um pouco da arquitetura açoriana, com janelas, portas e azulejos e dos pão-por-Deus, que é uma tradição cultural trazida para o Brasil, principalmente no litoral, pelos colonizadores provenientes do arquipélago de Açores, em Portugal. O pão-por-Deus é uma

> [...] cultura que veio para o Brasil, com o povoamento açoriano, iniciado em 1748. [...] O Pão-por-Deus, como expressão originou-se da necessidade de as pessoas partilharem entre si o pão material e o espiritual. Depois, esta partilha passou a ser feita através de cantos e, no Brasil, essa manifestação passou a ser essencialmente poética (MANNRICH, 2007, p. 16).

Enviados geralmente em anonimato, as rimas, que podiam ser repetidas ou originais, o pão-por-Deus continha declarações de amor, pedido de comida e presentes e também poemas que mostravam desentendimentos.

Figura 24- Painel da cultura açoriana. Reprodução da autora (2016)

7 CONCEITUAÇÃO

O livro é para uso de crianças, por isso deverá ser de material resistente, com um suporte grande dentro dos requisitos ergonômicos propostos mais adiante no projeto, com fácil *leiturabilidade* e *legibilidade*. As formas são predominantemente geométricas e arredondadas, com texturas e aquareladas, uso de muitas cores escolhidas a partir dos registros fotográficos, painéis semânticos dos personagens e referências de ilustração, e contêm as figuras ilustradas de acordo com as canções do “boi de mamão”. Utilizei para a ilustração e para os grafismos outros elementos da cultura açoriana, além do folguedo, tal como o pão-por-Deus e a chita. As ilustrações, diagramações, tipografia e grafismos mantêm um padrão para a criação de fluxo entre as páginas.

8 LISTA DE REQUISITOS

A partir da conceituação, da análise de similares, dos estudos bibliográficos e de materiais e tecnologia foi feita a lista de requisitos funcionais e formais que precede o desenvolvimento do projeto. Nela constam diretrizes para as etapas a seguir.

- Fonte de boa legibilidade para crianças em fase de alfabetização
- Tipografia com formas arredondadas
- GRID flexível com o conteúdo
- Encadernação de capa dura
- Gramatura alta nas páginas do conteúdo
- Formato de dimensões maiores que os livros convencionais
- Papel branco
- Impressão offset
- Verniz localizado na capa
- Formas geométricas e arredondadas

9 DESENVOLVIMENTO DO LIVRO

9.1 Suportes

Pela definição do objeto sabemos que a função do artefato será um livro com as canções do folguedo “boi de mamão”, acompanhado por um CD.

O formato do livro deverá ser geométrico – quadrado - , grande, a impressão será offset e com cores 4x4. Com base na pesquisa de similares, pela lista de requisitos e entendendo que para esse determinado público as imagens e letras deverão ter um tamanho mínimo para boa percepção e legibilidade os escolhidos para serem alternativas foram o de 21 x 21 cm, o de 25 x 25 cm e o de 30 x 30 cm.

Com escolha do formato quadrado se sabe que o aproveitamento de papel não será excelente e para minimizar essa perda foi feito um estudo com base no formato padrão das gráficas offsets de 66 x 96 cm. Segue abaixo a relação de geração de alternativas para o formato e seu aproveitamento de papel:

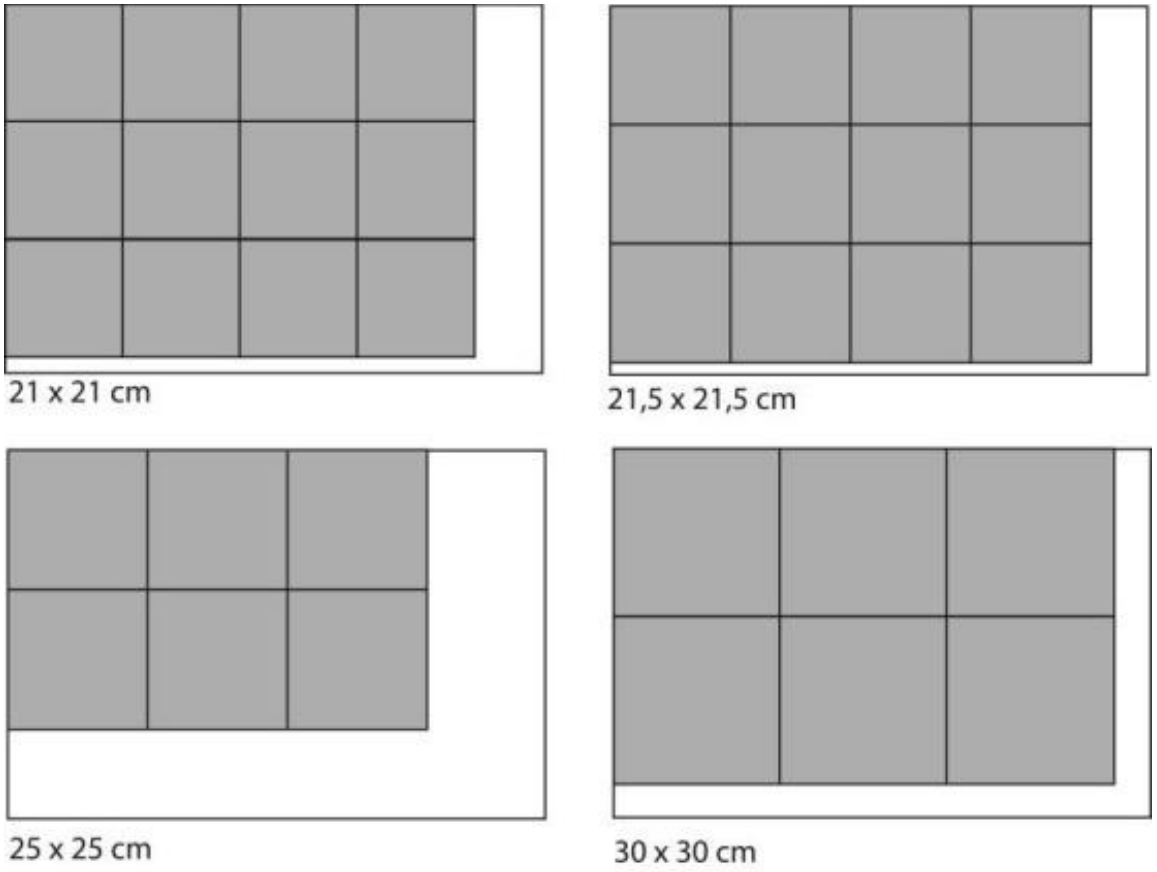


Figura 25- Estudo de aproveitamento de papel. Reprodução da autora (2016)

A partir desse estudo de aproveitamento de papel foi percebido que o formato 21 x 21cm ainda poderia ser aumentado até 21,87cm de altura e largura, porém para que o número fosse arredondado optou-se pelo formato 21,5 x 21,5 cm. Podemos perceber também que usando o de 25 x 25 cm ou o de 30 x 30 cm o resultado seria o mesmo número de páginas, porém com a de 25 x 25 cm com bem menos aproveitamento do papel e que o formato de 21 x 21 cm como o de 21,5 por 21,5 cm

teria seis páginas a mais por folha que os outros formatos. Os formatos mais coerentes foram então o de 30 x 30 cm e o de 21,5 x 21,5 cm. O escolhido para o trabalho foi o de 21,5 x 21,5 cm.

Para a capa foram levantadas como alternativas o papel Cartão Supreme 250g e a Capa Almofada, sendo o Papel Cartão Supreme 250g o escolhido. Como alternativas para a escolha do papel para o miolo do livro, seguindo os requisitos de gramatura alta, boa resistência e cor branca, foram delimitadas o Offset 120g, o Offset 90g, o Couchê Fosco 115 g e a Alta Alvura 150 g. Ao longo do processo foram feitos os testes de cor e impressão nessas gramaturas e tipos de papel e a partir deles o miolo mais coerente com o uso foi Alta Alvura 150 g.

9.2 Diagramação

As alternativas para a diagramação têm como requisito básico alta flexibilidade das informações, para que as caixas de textos e ilustrações de variadas formas e tamanhos continuem fazendo sentido dentro da composição. O diagrama de Villard de Honnecourt, entre outras grades sem princípios modernistas, não foram usadas pela falta de flexibilidade com textos curtos e não simétricos.

Para as margens e colunas foram propostas para o livro dando sempre um tamanho generoso da margem externa e inferior, respectivamente, pois é onde geralmente o leitor segura o livro e não seria aconselhável conter texto nessa região e pela ergonomia para quem está mostrando o livro para o público infantil, sejam professores, pais e outros para que também não encubram o texto ou as ilustrações importantes segurando o livro, conforme a figura 26 abaixo. Pelas escolhas de encadernação que foram citadas a margem interior deveriam ter no mínimo 1cm para que as informações não se perdessem se o livro não tivesse uma excelente abertura.

<*http://araujoliliam.blogspot.com.br/*>. *(Acesso em: jun. 2016)Figura 26- Ergônomia do livro. JOLILIAM, Arau.*

A seguir as opções de GRID para o projeto dentro dos formatos propostos como alternativas:

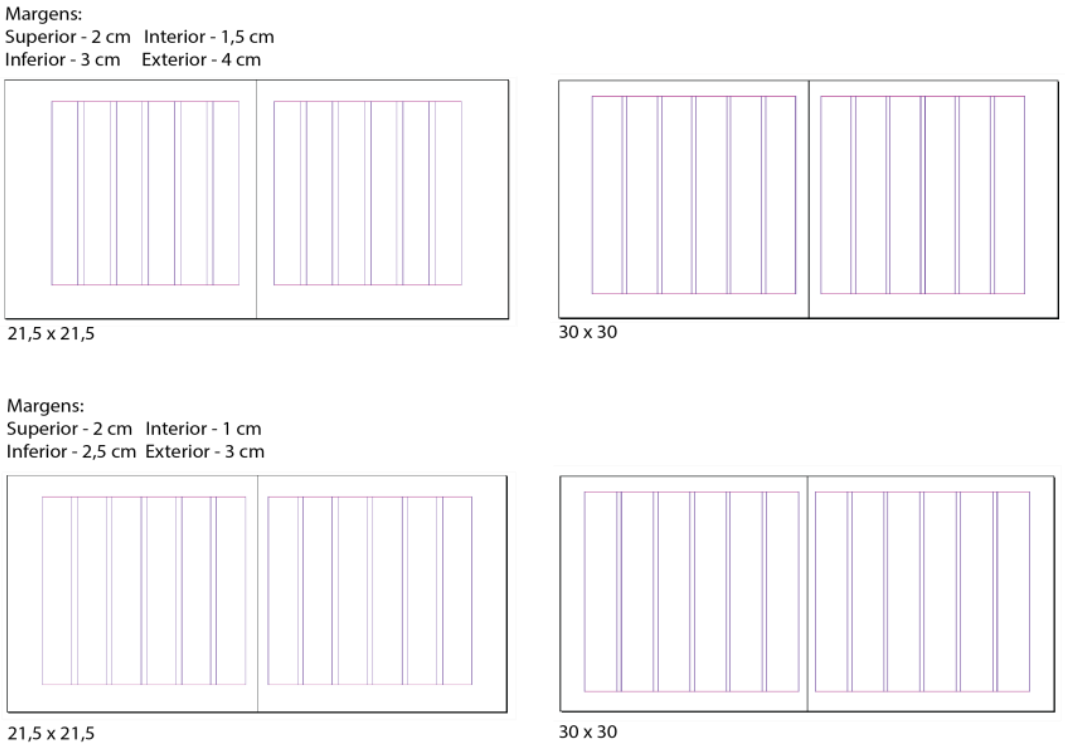


Figura 27- Geração de GRID coluna. Reprodução da autora (2016)

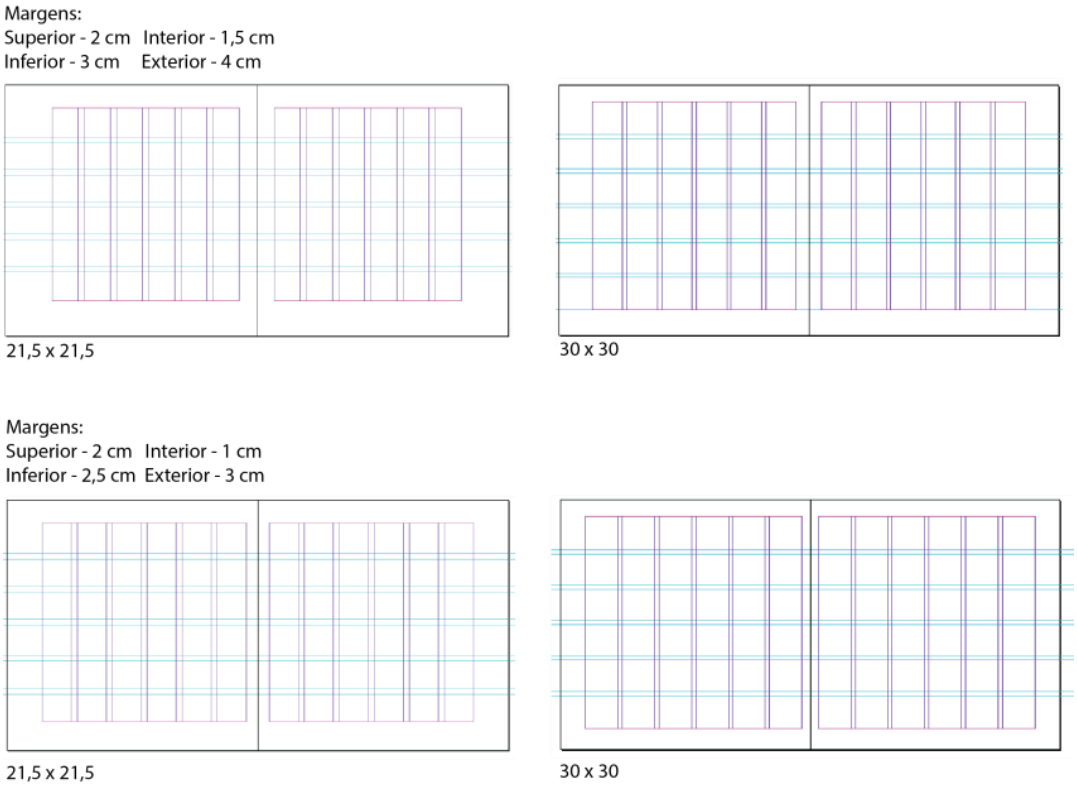


Figura 28- Geração de GRID modular. Reprodução da autora (2016)

A GRID escolhida para ser utilizada foi a modular, com a margem superior de 2 cm, interior de 1,5 cm, inferior de 3 cm e exterior de 4 cm, por ter grande flexibilidade nas informações tanto na ilustração, para que o manuseio do livro interfira o mínimo possível nas áreas de importância dos enredos ilustrados e nos textos, que no caso das canções esse requisito tem suma importância.

9.3 Tipografia

Pelos requisitos propostos ao projeto delimitou-se que a tipografia deveria seguir formas arredondadas para haver harmonia com o restante da peça gráfica. Sabe-se que um projeto gráfico deve levar em consideração o público-alvo, nesse caso, crianças de três a cinco anos. Sendo assim, elas estão na fase que antecede a alfabetização, ou seja na fase de assimilar e aprender a identificar os signos do alfabeto, as letras.

Entendendo a importância para esse público-alvo de uma boa leitura do signo “letra” compreende-se que a legibilidade é o maior requisito para a escolha da tipografia, para que exista facilidade de identificação correta do caráter por parte do leitor.

Burt (1959, apud LOURENÇO, 2011) estabeleceu padrões dos tamanhos do corpo da tipografia de acordo com a idade dos leitores (Quadro 2), nos quais podemos observar que para o público com menos de sete anos o corpo não deve ser menor que 24. É importante também para que resulte numa melhor compreensão do conteúdo que exista um bom espaçamento e entrelinha.

Idade (anos)	Corpo (pontos)	Número de letras por linha (linha 10.16 cm)	Coluna (cm)	Entrelinha (cm)
Menor que 7	24	32	12.7	0.66
7-8	18	38	10.16	0.432
8-9	16	45	8.89	0.406
9-10	14	52	9.52	0.33
10-12	12	58	10.16	0.305
Maior que 12	11	60	11.43	0.254

Quadro 2 - Parâmetros tipográficos para livros infantis. Fonte: Lourenço (2011) p.19

Várias fontes de pesquisas falam sobre o estudo realizado por Walker, a partir do qual percebeu-se que as crianças abaixo de sete anos tinham maior facilidade em ler textos em que as letras se diferenciassem. Para essa verificação utiliza-se a letra “a”, “g” e/ou “o”, conforme a figura a seguir.

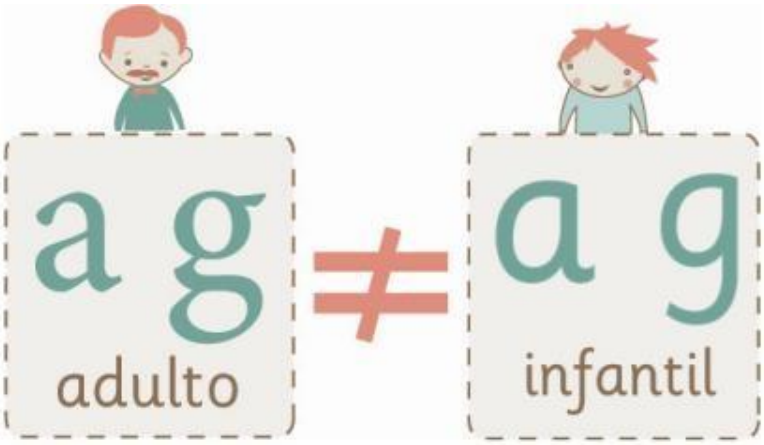


Figura 29– Caracteres Infantis. Fonte: Lourenço (2011) p. 19

"Caractere infantil", de acordo com Walker (2005, apud LOURENÇO, 2011) é utilizado para descrever as letras projetadas de acordo com as necessidades percebidas nas crianças. Algumas vezes as letras são redesenhadas para parecer com o manuscrito, e outras são especificamente desenhadas para serem distinguidas das letras similares.

O uso de caracteres para o público infantil em específico é discutido entre especialistas, sendo que alguns defendem que a variedade tipográfica e não só o uso de caracteres infantis é boa para o aprendizado, outros dizem que o público tem suas peculiaridades para um melhor entendimento e outros ainda falam que até os seis anos deve-se usar caracteres infantis e depois não existe mais a necessidade. Partindo dos estudos que defendem os caracteres infantis existem também as discussões sobre o uso ou não de serifa.

O uso da serifa varia na opinião dos tipógrafos de acordo com a idade das crianças também. Walker e Reynolds (2003 apud LOURENÇO, 2011) e Burt (1999, apud LOURENÇO, 2011) apontam para argumentos a favor do uso de tipografia sem serifa e afirmam que seus argumentos são todos suportados por evidências experimentais principalmente na fase do começo da alfabetização, fase do público-alvo. Abaixo a tabela feita por Daniel Lourenço (2011), no seu trabalho de pós-graduação em design gráfico, no qual ele relaciona todos esses autores e suas opiniões sobre o assunto.

	Pesquisadores	Tipo de Pesquisa/ Questionamento	Resultados
A favor	Coghill (1980)	Questiona se a posição difundida quanto ao uso de tipografias sem serifa em livros infantis apresenta fatores educacionais, ou se é apenas uma convenção.	A tipografia com serifa é mais adequada pois apresenta maior diferenciação entre letras.
	Willburg e Forssman (2002)	Os tipos sem serifas mais usuais, em que há pares de letras em que não são claramente diferenciadas, podem ser confundidas com uma terceira letra.	Predominância de tipos serifados comuns nos livros das primeiras séries.
	Willberg e Forssman (2007)	As tipografias sem serifa não é tão clara e precisa. Para leitores iniciantes esse tipo de caractere provocam uma série de tropeços na leitura.	Diferenças dos caracteres. Exemplos: espelhar, similaridade, imprecisões e proporções.
Contra	Burt (1959)	Afirma que seus argumentos são todos suportados por evidencias experimentais.	Aponta para argumentos a favor do uso de tipografia sem serifa.
	Poulton (1965)	A partir de testes com leitores adultos, faz uma comparação entre tipografia com e sem serifa.	Não é necessária a utilização de serifas para um texto ser legível.
	Raban (1984)	Realizou uma pesquisa sobre a opinião dos professores (271 entrevistados).	Favoreceram o uso da tipografia sem serifa.
	Emanuel Araújo (1986)	De acordo com os postulados de Jan Tschichold (1902-1974).	Nova direção à página do livro infantil com o uso de tipografias sem serifa.
	Sassoon (1993/2000)	Anunciou algumas diferenças quando crianças entre 8 e 13 anos foram questionadas sobre qual tipografia achavam mais legíveis.	1 - 44% sem serifa; 2 - 2% Time Italic; 3 - 18% Helvética; 4 - 10% Times Roman.
	Centro de Linguagem e Literatura da University of Reading (2001)	Pesquisa que aponta quais tipografias continuam a serem utilizadas em projetos gráficos de livros infantis.	Favoreceram o uso da tipografia sem serifa.
	Walker e Reynolds (2003)	Realizaram uma pesquisa com crianças para descobrir se o uso da serifa é ou não importante em textos infantis.	Sugerem que tipos sem serifa tem um apelo particular nas crianças.
Neutro	Zachrisson (1965)	Iniciou seus estudos com uma suposição de que o uso de tipografias sem serifas são menos legíveis que tipografias romanas (com serifa).	A presença ou ausência de serifas não teve um efeito estatístico significante.
	Lange et al (1993)	Utilizou um teste de reconhecimento de palavra, a rapidez de leitura do texto, um teste de compreensão e um teste para comparar a tipografia Times New Roman com a Helvética.	A presença ou ausência de serifas não teve um efeito estatístico significante.
	Gérard e Rogiers (1998)	Sustentam que os tipos a serem privilegiados nos livros infantis são do tipo Times ou Helvetica.	A presença ou ausência de serifas não teve um efeito estatístico significante.

Quadro 3 - Quadro com a relação do uso da serifa. Fonte: Lourenço (2011)

A quebra da linha do texto é algo que não será um problema para esse projeto já que o conteúdo são canções ritmadas, com muitas estrofes e por consequência parágrafos pequenos. Sendo assim, facilita para a ordenação da quebra da linha e disposição das caixas de texto. Outro fator importante dentro da tipografia é as ascendentes e descendentes que Walker (2005 apud LOURENÇO, 2011) apontam como facilitadoras para a compreensão do formato das palavras para o leitor infantil, que devem ser maiores que o corpo de X e devem ser do mesmo tamanho entre elas. Sendo assim, foram escolhidas três famílias tipográficas como alternativas para o livro.

A primeira é a Fábula, desenvolvida por Vincent Connare, também criador da ComicSans, com a finalidade de chegar a uma tipografia para ser utilizada em livros de fábulas infantis na internet:

Figura 30– Fonte Fábula. Fonte: Lourenço (2011).

Segundo Walker et al. (2007 apud LOURENÇO, 2011, p. 114),

> destacam-se nesta fonte as descendentes e ascendentes longas, que facilitam a identificação dos caracteres, o ar informal — ela não é rígida como as fontes encontradas normalmente para textos —, a presença de diferenças no desenho de letras que normalmente são confundidas pelas crianças e as formas inusitadas para alguns caracteres.

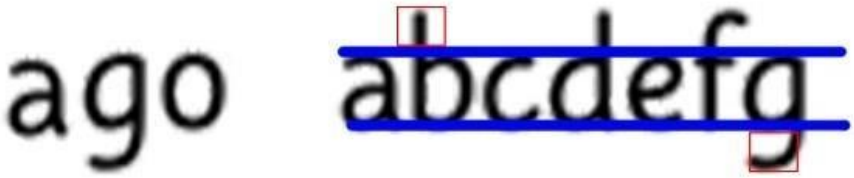


Figura 31– Estudo da fonte. Fonte: Lourenço (2011).

Podemos perceber então que a fonte possui o necessário para estar no grupo dos caracteres infantis, apresentando grande diferenciação entre as letras “a”, “g” e “o” e que suas ascendentes e descendentes têm o mesmo tamanho. O uso da serifa é “leve”, sem exagero e restrito a alguns caracteres para maior legibilidade e leiturabilidade.

A segunda é a SassoonPrimary, desenvolvida por Sassoon e Williams, que não possui inclinações nemserifas nos topos das letras, mas com serifas nas linhas de base, o que ajuda a agrupar as letras em palavras.

Figura 32- Fonte Sassoon Primary Infant. Fonte: Kidstype (2016).

Segundo Daniel Lourenço (2011), existem ainda outros aspectos relevantes que são: limpeza, miolos abertos, e o comprimento levemente acentuado das ascendentes e descendentes para melhor definir a forma da letra:

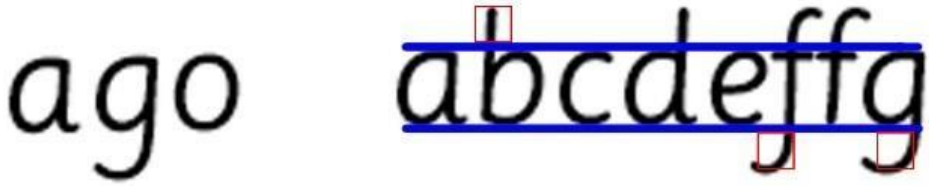


Figura 33- Estudo da fonte. Fonte: autora (2016)

A fonte SassoonInfant, por sua vez, tem menos diferenciação entre as letras “a”, “g” e “o” que a primeira e suas ascendentes e descendentes não têm o mesmo tamanho, mas também está dentro das tipografias destinadas ao público Infantil pelos seus caracteres. O uso da serifa é mais frequente e existe também o uso de “exitstrokes” (stroke é o traço e exit é essa saída além do traço que dá uma idéia de continuidade), como letras manuscritas, servindo para um agrupamento espontâneo das palavras e também para construir um adequado espaço entre letras.

A terceira fonte é a Nunito, utilizada no livro. Foi escolhida a partir da busca de similares das fontes citadas anteriormente já que as mesmas não são disponíveis para trabalhos acadêmicos gratuitamente.

Figura 34- Fonte Nunito. Fonte: fonts.google.com/spicemen/Nunito (2017)

Podemos perceber analisando-a que ela se enquadra nos requisitos por ter boa legibilidade e leiturabilidade para o público alvo. A fonte é arredondada, não possui serifa, tem as letras “a”, “g” e o “o” diferenciados. Possui incisão em algumas letras e as ascendentes e descendentes têm quase o mesmo tamanho.

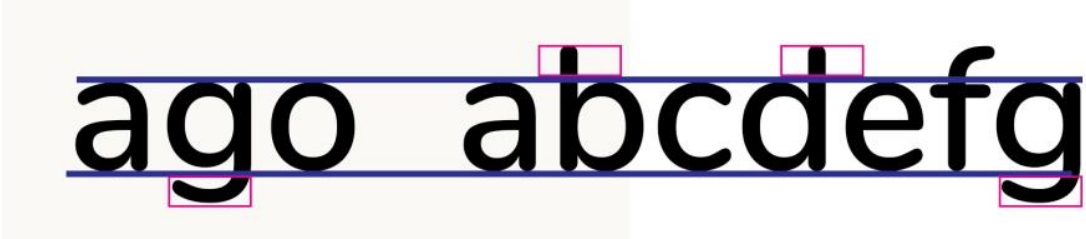


Figura 35– Estudo da fonte Nunito. Reprodução da autora (2017)

A seguir a aplicação do conjunto tipografia e diagramação do livro:

Figura 36– Estudo da fonte Nunito. Reprodução da autora (2017)

9.4. Grafismos

A partir de fotos de elementos da cultura açoriana tais como a renda e almofada de bilro, a chita[4], as peças de argila, a arquitetura, a vestimenta entre outras percepções gráficas, que podem ser observadas nos painéis semânticos (Fig. 21, 22, 23 e 24), foram desenvolvidos grafismos para serem utilizados no projeto. Sendo eles o da contracapa, com a vegetação nativa, nas molduras e complementos gráficos de registros fotográficos e as fitas coloridas de festejos da folha de rosto (Fig. 37).

A contracapa, foi feita a partir de rascunhos de folhas que encontrei no bairro Sambaqui, pintadas em aquarela e finalizadas em pintura digital pelo programa Photoshop (Fig 38).

Figura 37 – Rascunhos e aquarela para a contracapa. Reprodução da autora (2017)

Figura 38– Contracapa finalizada. Reprodução da autora (2017)

[4] Tecido com cores fortes, geralmente com estamparia floral, feito de algodão, barato e de pouca qualidade.

Para os registros fotográficos foi feito fundos de cores sólidas em azul, verde e vermelho em aquarela (Fig.40), três das quatro cores mais usadas nas chitas, a quarta cor é o amarelo. Depois trabalhando no programa Photoshop foi feito uma máscara de corte com as rendas (Fig.39) e pães-por-Deus desejados e aplicados na composição (Fig,41).

Figura 39–Rendas de bilro, do Núcleo de Estudos Açorianos . Reprodução da autora (2016)

Figura 40– Mancha para o fundo dos registros fotográficos. Reprodução da autora (2017)

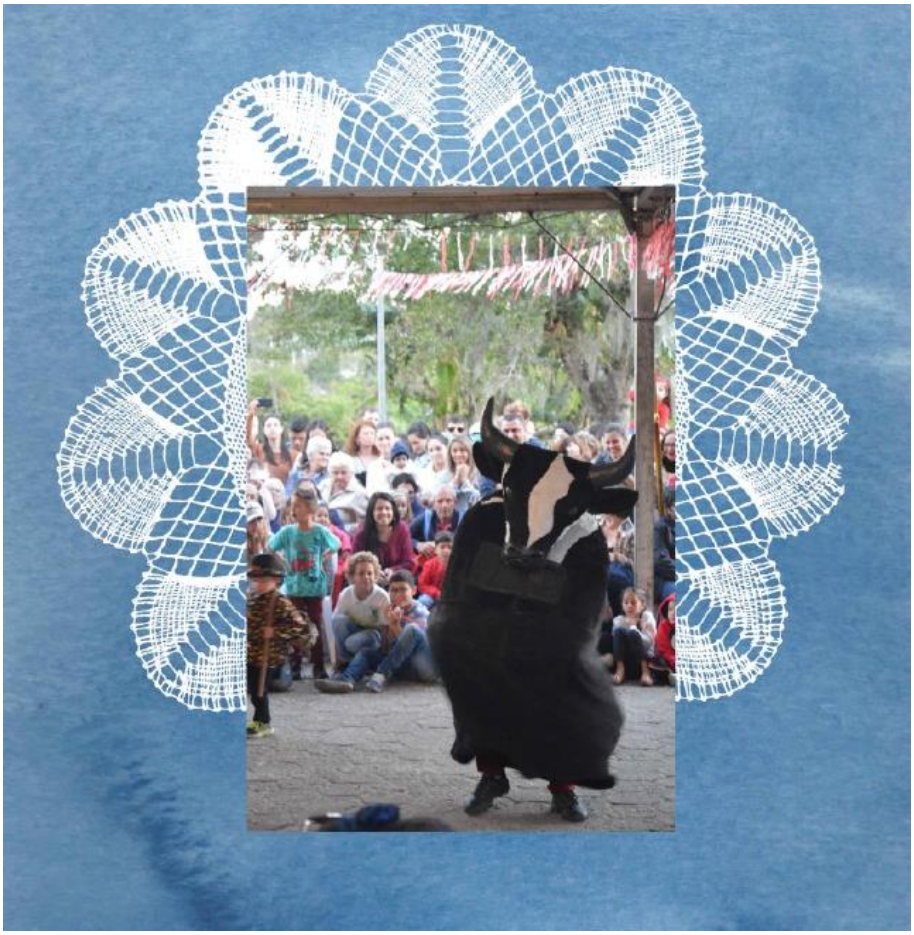


Figura 41– Página finalizada dos registros fotográficos . Reprodução da autora (2017)

Figura 42– Fitinhas encontradas em festividades que o boi se apresenta. Reprodução da autora (2017)

9.4. Cores

As cores foram selecionadas a partir dos painéis semânticos dos personagens do folguedo “boi de mamão” (Fig.22), as chitas (Fig.23) e dos registros fotográficos (Anexo B). Levando sempre em consideração o contraste das cores quentes e das cores frias, para destacar partes que a autora considerou importante, conforme as técnicas de pintura digital do professor Wesley Rodrigues[5].

Figura 43– Curso pintura digital Wesley Rodrigues (2014)

9.5. Ilustração

Pela lista de requisitos foram seguidos alguns parâmetros nas ilustrações, tais como formas geométricas e arredondadas, pintura com textura aquarelada, o uso de muitas cores e realce de objetos importantes dentro da construção da imagem por meio da diferença de cores quentes e frias.

A técnica adotada foi a aquarela e finalizada digitalmente. O processo é longo, uma vez que são feitos primeiramente vários rascunhos de um mesmo personagem ou página, depois finalizado o traço na mesa de luz e complementado com mais elementos, é aquarelado em papel especial de aquarela, escaneado, passado para o programa photoshop da Adobe e por fim, é feita a pintura digital.

Como referências visuais para a ilustração trabalhei com os seguintes ilustradores:

- Carmen Saldaña

Ilustradora espanhola, seus trabalhos são sempre relacionados a animais e a natureza por isso foi uma influência no meu processo, principalmente a etapa dos rascunhos. Outra característica forte é que suas ilustrações possuem sempre várias texturas.

[5]Wesley Rodrigues animador e quadrinista formado em Design Gráfico pela Universidade Federal de Goiás. O curso foi oferecido pela Escola Goiana de Desenho Animado em 2014.

Figura 44 - Illustrated Map of the world. Disponível em:

< https://www.behance.net/gallery/34844553/Illustrated-Map-of-the-world>. (Acesso em nov. 2017)

- Wesley Rodrigues

Animador e quadrinista formado em Design Gráfico pela Universidade Federal de Goiás, já recebeu diversos prêmios e participou de importantes eventos de animação, tal como o Anima Mundi. Foi uma referência principalmente pela forma do uso das cores nas ilustrações e a concepção dos personagens, que são feitos de traços bem soltos e de muita personalidade.

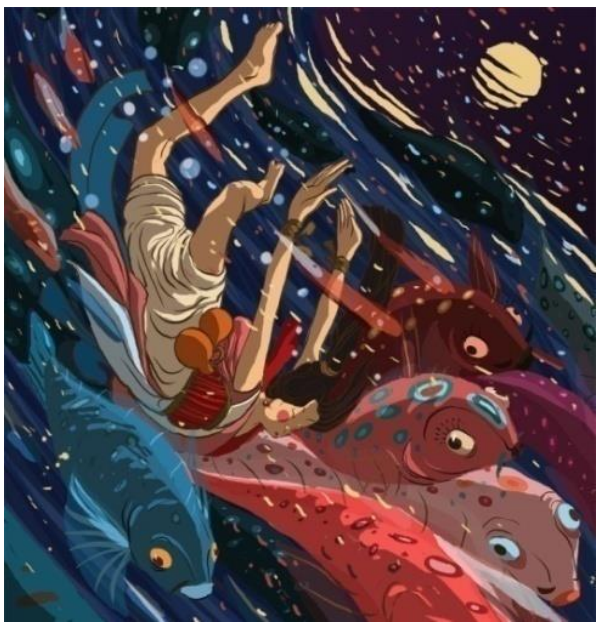


Figura 45– Curso pintura digital Wesley Rodrigues (2014)

- Raíssa Bulhões

Designer Gráfico e Ilustradora, faz muito sucesso com seus desenhos pela sua conta no instagram, referência pelos personagens crianças que são bem recorrentes, pelos trabalhos digitais e pelo bom humor na forma que ilustra.

Figura 46- Ilustração Raíssa Bulhões Disponível em:

< https://www.instagram.com/raissabulhoes/?hl=pt-br>. (Acesso em nov. 2017)

- Adriana Aparecida Mendonça

Doutora pela Universidade Federal de Goiás, ilustradora e aquarelista, Adriana é referência principalmente pelos personagens dos trabalhos utilizados serem crianças, pela mistura de técnicas de pintura, ilustrações com foco em publicações de livros e para o público infantil.

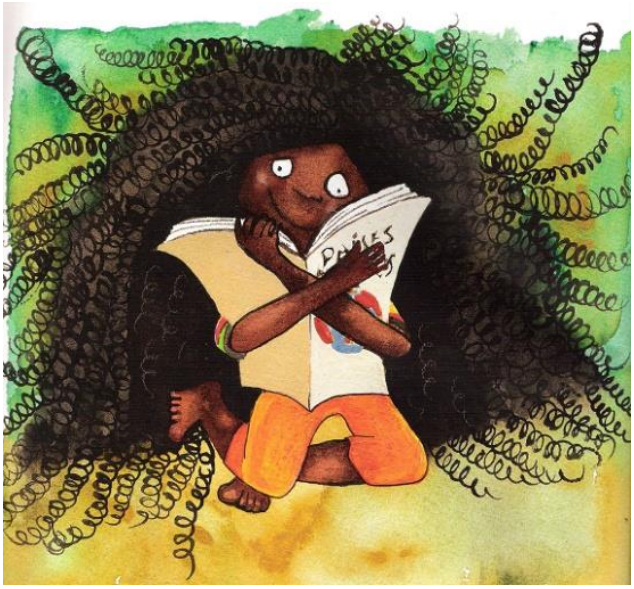


Figura 47- Livro O cabelo de Lelê. Disponível em:
< http://www.huffpostbrasil.com/renata-arruda/dicas-de-livros-para-presentear-meninas_a_21678679/>. (Acesso em nov. 2017)

- Sa Lu

Ilustrador infantil de Taiwan, apesar de ser muito reconhecido nas suas contas do facebook e instagram por suas ilustrações não é fácil encontrar informações sobre. A maioria dos seus trabalhos são feitos a partir de pinturas das quais a técnica não foi identificada com certeza, mas parece aquarela. Os pontos fortes como referência pro meu trabalho são os cenários, pintura e concept de personagens.

Figura 48- Alphabet children's book illustration Alphabet-childrens-book-illustration/>. (Acesso em nov. 2017)Disponível em:

< https://www.behance.net/gallery/58041399/

Foram feitos durante o processo de ilustração vário storyboards com diferentes funções, para resolver as ilustrações, as composições das páginas e até para as cores.

Os storyboards da figura 49 são alguns dos que foram feitos para compreender como as ilustrações poderiam ser resolvidas, contém neles anotações sobre as ideias que poderiam ser utilizadas, enredos que por meio do ilustrado interligavam uma página a outra, tentativas de fazer com que as imagens de fato contassem sobre a letra da canção, possibilidades de composições das páginas, as formas geométricas dos personagens para que depois fossem definidas e escolhas da hierarquia das informações contidas nas ilustrações.

A técnica em todos os storyboards feitos foi de que o desenho fosse mais simples possível e em quadros pequenos, para que não tivesse apego aos detalhes, que fosse feito rápido e se precisasse ser refeito e melhorado ou descartado, não seria um problema.

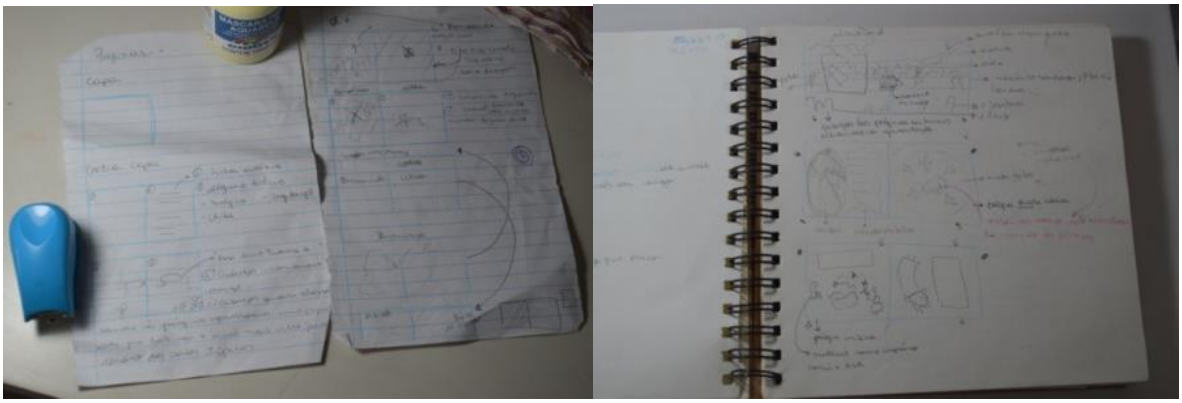


Figura 49- Storyboards do livro. Reprodução da autora (2017)

Na figura 50 o storyboard já está numa fase bem próxima do resultado do livro, nele foi introduzido elementos que já tinham sido resolvidos em anteriores, mas com a preocupação das cores e de que houvesse intercalação entre as páginas muito quentes e frias.

Figura 50- Storyboards do livro em aquarela. Reprodução da autora (2017)

Os cenários foram inspirados na praia e na arquitetura do bairro Santo Antônio de Lisboa, em Florianópolis, já os personagens foram inspirados em animais e pessoas de verdade e nos personagens do folguedo. O boi, por exemplo, teve vários rascunhos relacionados ao animal e não apenas aos bois encontrados na brincadeira de “boi de mamão”.

Figura 51- Rascunhos dos personagens. Reprodução da autora (2017)

Depois de escolhido como seriam os personagens dentre esses rascunhos, foi feito estudos deles nas posições pré-definidas pelos storyboards. Com esses desenhos refeitos e prontos eram passados por uma mesa de luz para um papel apropriado para pintura em aquarela.

As aquarelas seguiram as bases de cores principais do storyboard, mas muito das cores ainda tiveram que ser resolvidas e escolhidas no processo. Quando prontas as aquarelas foram escaneadas e passadas para o computador, um problema foi que o escâner disponível tirou cor e qualidade das pinturas, então muito teve que ser refeito na pintura digital.

Pode-se perceber nas imagens a seguir a concepção e processo de ilustração de alguns personagens, nos exemplos estão três das crianças que conheci ou observei no acompanhamento dos grupos de boi de mamão e um dos animais, o urubu.

Em determinados personagens houve a tentativa de ser fiel às características físicas e peculiares da fonte de inspiração, como o garoto que estava com um curativo na testa. Outros mudaram muito durante os rascunhos, como a menininha que estava no ombro do pai, que foi reproduzida com uma idade bem menor representando a diversidade de idades encontradas nesse folguedo e o urubu que está longe de ter sido representado igual ao animal.

Figura 52- Processo criativo do personagem. Reprodução da autora (2017)

Figura 53- Processo criativo do personagem. Reprodução da autora (2017)

Figura 54 - Processo criativo do personagem. Reprodução da autora (2017)

Figura 55- Processo criativo do personagem. Reprodução da autora (2017)

10 RESULTADO DO LIVRO “CANTANDO COM O BOI DE MAMÃO”

A capa do livro tem um fundo em aquarela e segue as cores bases principais do livro, inspirado nas chitas, o azul, verde, amarelo e vermelho. A escrita “o Boi de Mamão” foi feito de uma forma quebrada na continuidade das palavras e divertida, com mais liberdade na construção do que os outros textos encontrados. Da lombada, quadrada, para a capa foi usado o grafismo da renda de bilro, uma forma de já introduzir o leitor para o que vai encontrar de grafismos dentro do livro.

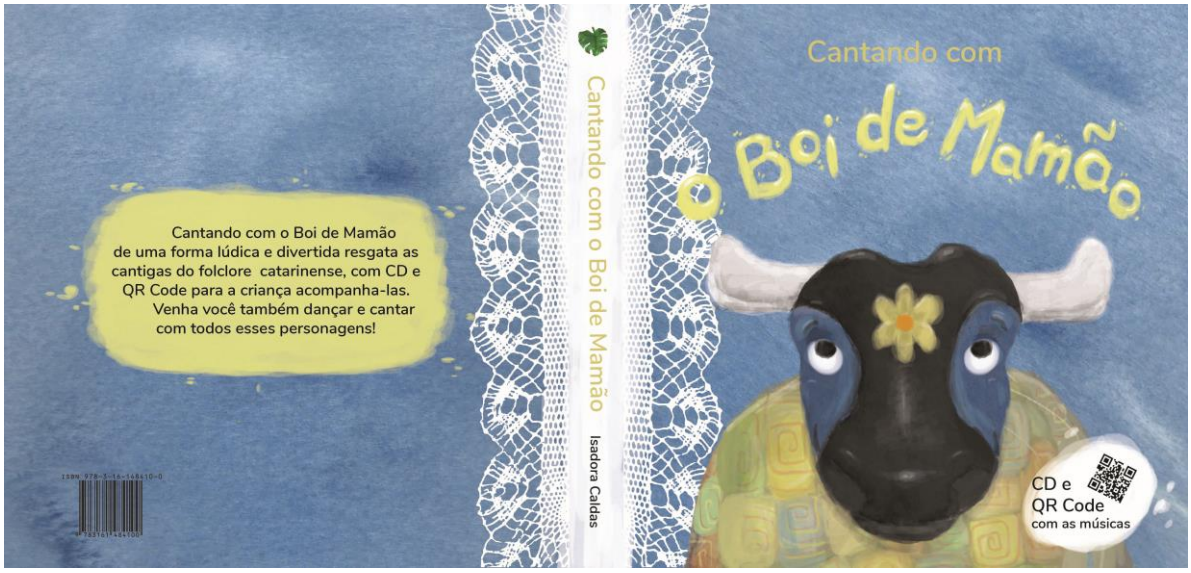


Figura 56– Capa. Reprodução da autora (2017)

A ilustração foi feita especialmente para a capa. Também pode-se notar que consta na capa que o livro contém um CD e QR Code com as músicas do folclore.

Para que as ilustrações continuassem contrastando cores quentes e frias e utilizando das quatro cores principais encontradas no tecido chita, foi feita para o CD uma aquarela vermelha (Fig. 57).

Figura 57– Contracapa e CD. Reprodução da autora (2017)

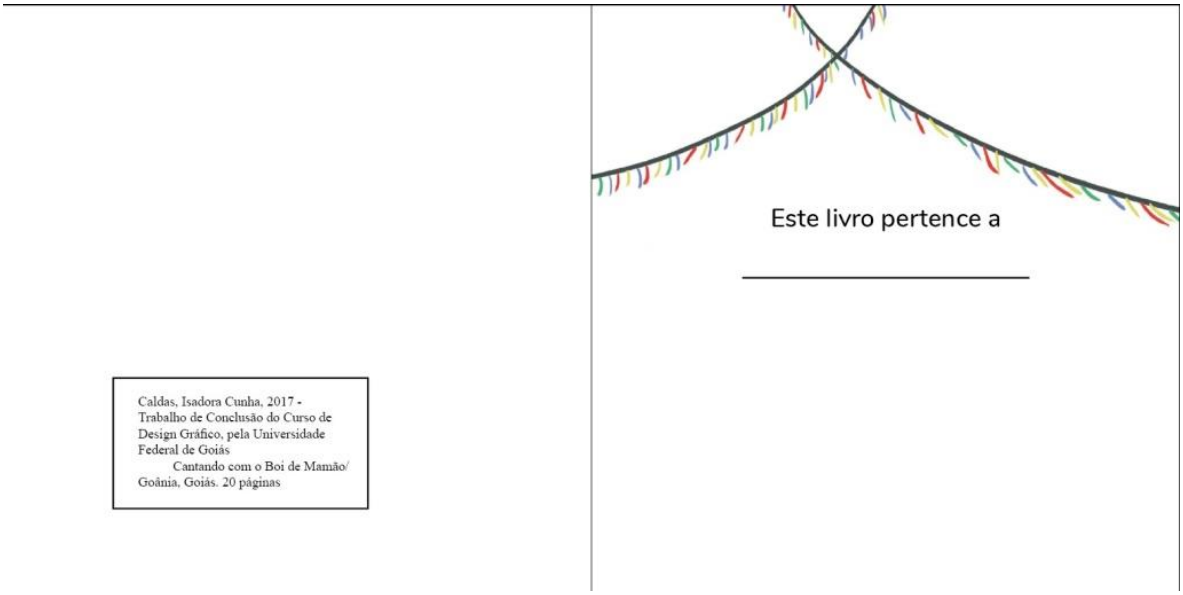


Figura 58- Ficha técnica e "Este livro pertence a".Reprodução da autora (2017)

"Este livro pertence a" ganhou fitinhas sob ele, essas fitas são encontradas em várias das festas que os grupos de Boi de Mamão participam (Fig. 58)

As páginas a seguir (Fig 59 e 60) antecipam as cantigas, foram pensadas para gerar curiosidade e principalmente continuidade, uma vez que as páginas seguintes à elas (Fig. 61 e 62) são a continuação do mesmo cenário, mas depois de um curto espaço tempo. Podemos observar então que as crianças que antes estavam indo

em direção a próxima página do livro e ao grupo de pessoas aglomeradas, estavam com o objetivo de ir assistir o folguedo do “boi de mamão”.

Figura 59– Crianças correndo. Reprodução da autora (2017)

Figura 60– Boi dançante. Reprodução da autora (2017).

“A Morte do boi” (Fig.61) retrata o momento em que o boi adoece, para de dançar e parece estar morto, fazendo o vaqueiro chorar e cantar essa música. Essa parte da brincadeira também tem momentos cômicos, como quando entram os atrapalhados urubus, foi difícil conseguir equilibrar a tristeza da morte do boi com a insanidade do animal mais engraçado do folguedo.

Figura 61-A Morte do boi. Reprodução da autora (2017)

A benzedeira então cura esse boi das suas enfermidades e faz com que ele volte a dançar. Essa página foi dupla pois as páginas posteriores a ela, que seria a do boi curado, estava programada para ser dupla. A “mágica” da benzedura foi feita em aquarela, praticamente sem arte finalização além das estrelas amarelas.

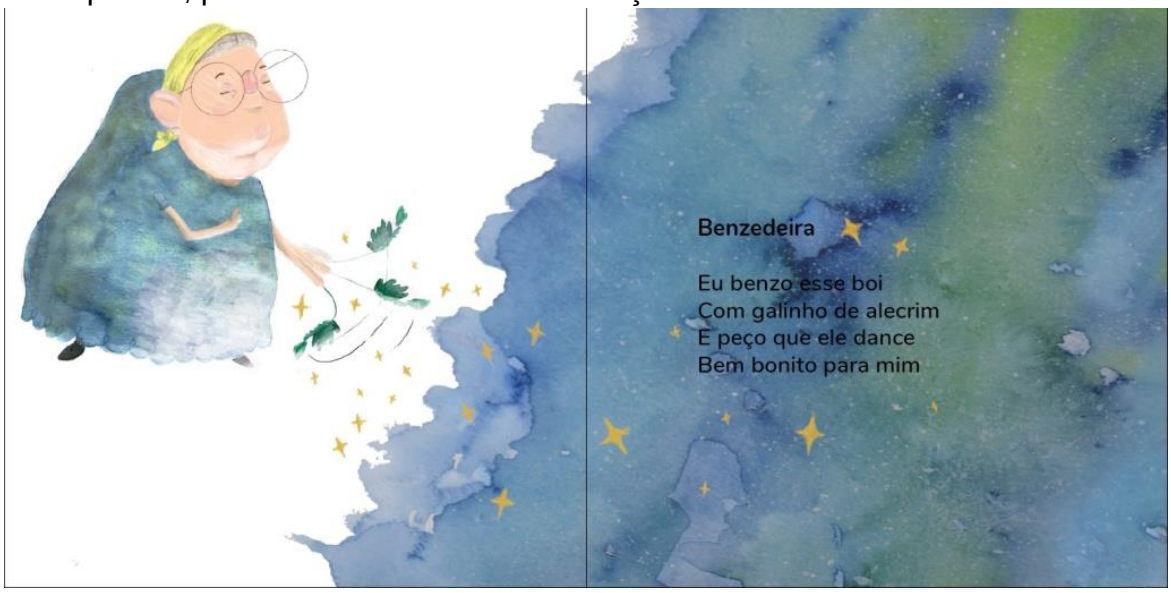


Figura 62- Benzedeira. Reprodução da autora (2017)

Os ursos são os personagens que tiram as crianças para dançar, ao contrário de outros que brincam assustando ou engolindo as crianças os ursos são sempre carismáticos, por isso foi representado com a personagem mais jovem entre as crianças.

Figura 63– Mancha para o fundo dos registros fotográficos. Reprodução da autora (2017)

A Bernunça por sua vez, símbolo do folclore do “boi de mamão” por só ser encontrada nesse folguedo, tem uma história narrada na música mais aterrorizante, onde é dito que ela é “brava” e engole crianças. Ser engolido por ela na verdade é algo muito divertido, já que o que compõe seu corpo de tecido são crianças enfileiradas, por isso na ilustração foi feito ela tentando engolir o leitor (Fig.64).

Por fim foram incluídas ao livro alguns dos registros fotográficos (Fig. 64, 65 e 66) feitos pela autora, uma forma da criança ter a representação também do real. As páginas dos registros fotográficos não seguiram a grid proposta no restante do livro pois o objetivo era que o resultado parecesse com uma colagem informal.

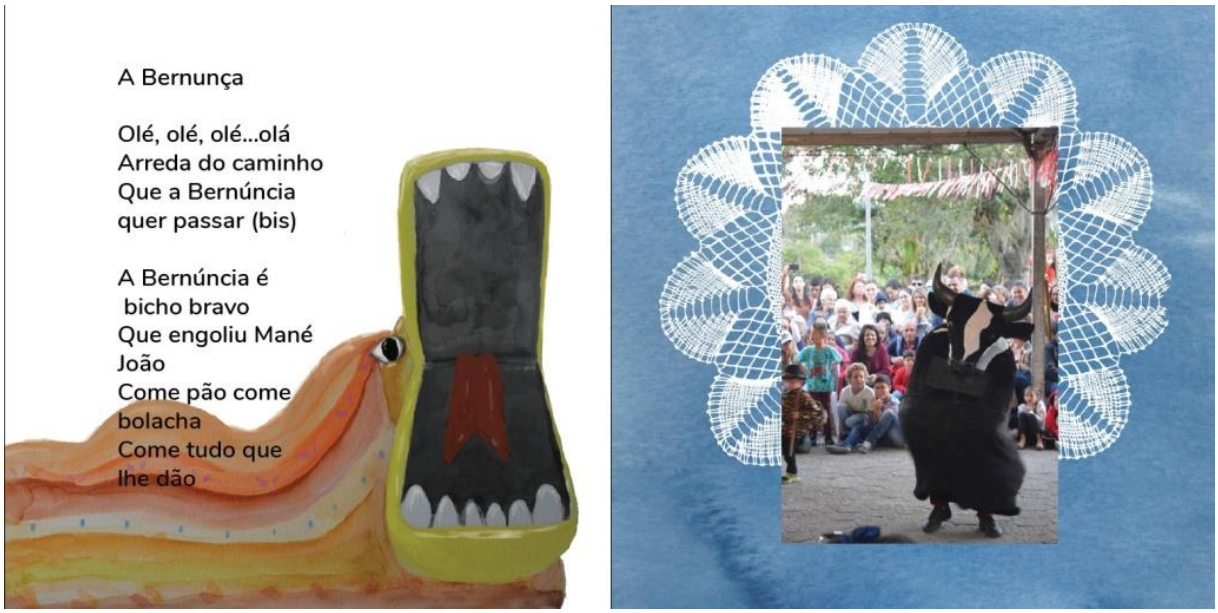


Figura 64-A Bernunça. Reprodução da autora (2017)

Figura 65-Registros fotográficos. Reprodução da autora (2017)

Figura 66-Registros fotográficos. Reprodução da autora (2017)

Figura 67- Folhagem. Reprodução da autora (2017)

11 DESDOBRAMENTO DO TRABALHO: PROJETO A MENINA MARICOTA

“A menina Maricota” foi um projeto que surgiu a partir das pesquisas feitas em design editorial, ilustração e sobre o “boi de mamão” durante o desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso, para participar do Seminário internacional 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11, que aconteceu na Universidade Federal de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis em 2017.

Figura 68- Capa do livro a menina Maricota. Reprodução da autora (2017)

A proposta é usar da utilização de elementos do folclore buscando desenvolver o diálogo com crianças explorando as questões de gênero como questões culturais através de um livro ilustrado.

O livro conta a história da personagem Maricota, uma das integrantes do folguedo, mas quando ela ainda era criança, aborda as diferenças da Maricota para com outras meninas em relação ao corpo, habitação, brincadeiras e costumes, com o mesmo público alvo do “Cantando com o Boi de Mamão”, crianças em fase de alfabetização.

O conteúdo literário é todo rimado e foi feito pela autora, foi discutido com educadores infantis e estudantes do curso Letras da UFSC para que atendesse as crianças da melhor forma possível.

Figura 69 - Pôster do projeto. Reprodução da autora (2017)

12 CONCLUSÃO

O “Cantando com o Boi de Mamão” foi, de muitas formas, uma experiência de crescimento. Adentrar por tantos universos diferentes que se intercalam em temas folclóricos como a história, o lúdico e o fantasioso e poder explorar esse tema em ambientes, com pessoas e em situações adversas, foi de imenso prazer.

Desbravar técnicas pouco trabalhadas por mim como a pintura digital e principalmente a pintura em aquarela, apesar de desafiador trouxe muitos retornos positivos e aprendizados durante o processo.

Gostaria de ter ilustrado todas as canções do boi de mamão, e não ter feito uma seleção delas, mas tenho interesse em completar o livro em um futuro próximo.

Espero que o livro transpasse a alegria que a minha criança interior está em ter conseguido explorar e conhecer tudo o que tinha vontade sobre esse folclore e em poder reproduzir isso em algo físico e que sempre adorou: livros infantis ilustrados.

ANEXO A

Canções do folguedo utilizadas no livro

- **Boi dançante**

Vamos moreninha
Vamos até lá
Vamos lá na vila
Para ver meu Boi dançar (bis)

Eu caio, eu caio
Na boca da noite
Sereno, eu caio (bis)

A folha do limoeiro
Tem cheiro de limão
Morena me dá um beijo
Que eu te dou meu coração

Ai, ai, ai, meu boizinho é dançador
Ai, ai, ai, meu boizinho é dançador

- **A morte do boi**

O meu boi morreu
Que será de mim
Manda buscar outro, maninha
La no Piauí (bis)

"Lá no Piauí" é a mais utilizada, porém muitos grupos fazem adaptações com rimas de suas regiões. O Grupo do Boi de Mamão do Sambaqui usa "Lá no Sambaqui" e no projeto de extensão "Lá no NDI", como exemplos.

- **Benzedeira Cura**

Eu benzo esse boi
Com galhinho de alecrim
E peço que ele dance
Bem bonito para mim

O médico foi um personagem que sempre fez parte do enredo, já a benzedeira a alguns anos entrou em quase todos os grupos de boi de mamão para dar força e visibilidade a essa prática cultural que hoje já se encontra quase extinta.

-**Ursos Brincalhões**

Olha o Urso Preto
Meu bicho, vem cá
Olha o Urso Branco
Meu bicho, vem cá

Ele é sapequinha, ele quer incomodar
Ele faz cosquinha, ele quer incomodar

Olha o Urso Preto
Meu bicho, vem cá
Olha o Urso Branco
Meu bicho, vem cá

- **A Bernunça**

Estava deitada na cama
Quando ouvi falar em guerra
Quando acaba era a Bernúncia
Que vinha descendo a serra

Olé, olé, olé...olá
Arreda do caminho
Que a Bernúncia quer passar
(bis)

A Bernúncia é bicho bravo
Que engoliu Mané João
Come pão come bolacha
Come tudo que lhe dão

Olé, olé, olé...olá
Arreda do caminho
Que a Bernúncia quer passar
(bis)

ANEXO B

Um pouco do registro fotográfico e do acompanhamento dos grupos folclóricos de boi de mamão

Grupo da Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche, apresentação na Igrejinha do Campeche.

Grupo Folclórico de Boi de Mamão da Vargem Grande

Crianças do NDI, apresentação no evento SEPEX (semana de pesquisa e extensão) na Universidade Federal de Santa Catarina

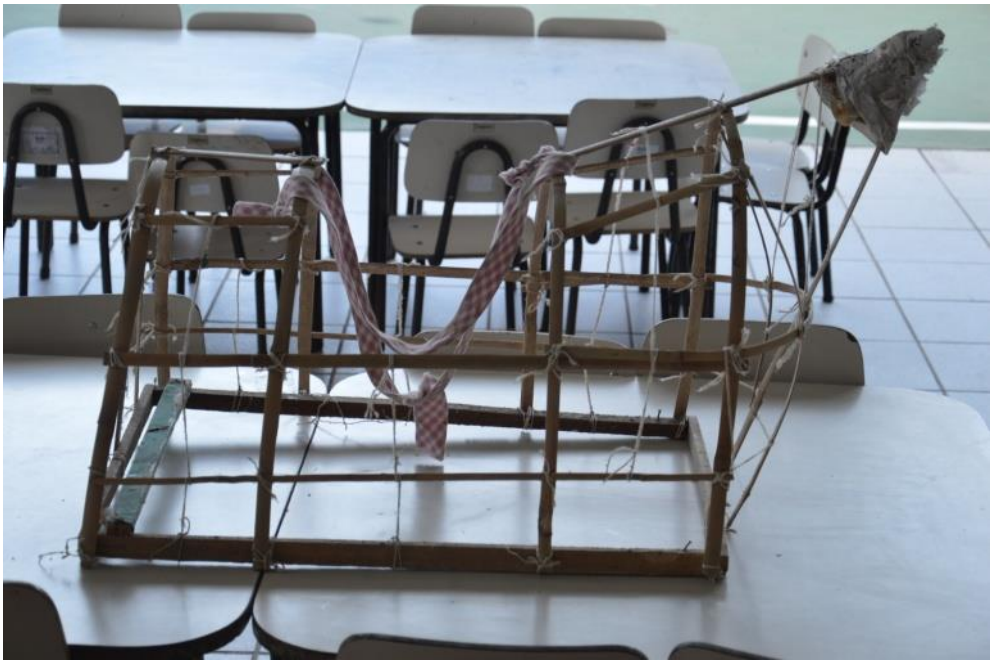
Grupo Folclórico de Boi de Mamão da Vargem Grande

Teatro do NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil) onde guardam os personagens de boi de mamão usados pelas crianças

Vaqueiro do Grupo da Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche durante a apresentação na Festa do Divino.

Vaqueirinho do Grupo da Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche durante a apresentação na Igreja N.S. da Imaculada Conceição do bairro Lagoa da Conceição.

Boi do NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil)



Carcaça dos personagens do NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil)

Despedida do antigo boi do Grupo da Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche durante a apresentação na Festa do Divino.

Chegada do novo boi do Grupo da Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche durante a apresentação na Festa do Divino.

Grupo da Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche durante a apresentação na Festa do Divino.

ANEXO C
Entrevistas

Grupos de boi de mamão:
- Como você conheceu o boi de mamão?
- (Se conhece o boi de mamão a muito tempo) Como funcionava esse folguedo nessa época? (instigar histórias pessoais relacionadas ao boi)
- (Se conhece o boi de mamão a muito tempo) Existem diferenças de como você o conheceu para a atualidade? Se sim, quais?
- Qual a importância dele pra você? (vínculo emocional)
- Quanto tempo tem o Grupo? Qual a história dele?

Moradores antigos da cidade de Florianópolis:
- Como você conheceu o boi de mamão?
- Como funcionava esse folguedo nessa época? (instigar histórias pessoais relacionadas ao boi)
- Existem diferenças de como você o conheceu para a atualidade? Se sim, quais?
- Qual a importância dele pra você? (vínculo emocional)
- Participasse de outras manifestações culturais açorianas quando criança? Quais?

Educadores e pesquisadores do NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil):
- Como educadora, como alguém que trabalha com o público infantil como você descreve essa relação do folguedo com a criança?
- Como o boi de mamão é trabalhado aqui no NDI?

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rogério. **O Boi de Mamão**. Florianópolis: FDT, 2005.

CARONIA, Anthony. **Florianópolis História e Arquitetura**. São Paulo: Escrituras, 2013.

CAVALCANTI, Maria. **Tema e variantes do mito**: sobre a morte e a ressurreição do boi. São Paulo: Ática, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FORTUNA. **Na Casa da Ruth**. DIreção: Hélio Ziskind. São Paulo: Selo SESC, 2008. DVD-ROM.

FORTUNA. **TicTac Tati**. direção: Hélio Ziskind. São Paulo: Selo SESC, 2012. CD-ROM.

HASLAM, Andrew. **O livro e o Designer II**. 2 ed. São Paulo: Editora Rosari, 2010.

JOLILIAM, Arau. Disponível em: <http://araujoliliam.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2016.

KIDSTYPE. Disponível em: <http://www.kidstype.org/>. Acesso em: 15 jun. 2016.

LOURENÇO, Daniel Alvares. **Tipografia para livro de literatura infantil**: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers. 2011, Dissertação (Mestrado em Design)- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**: guia para designers, escritores, editores e estudantes. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MANNRICH, Maria. **Pão-por-Deus vivo na cultura brasileira**. Florianópolis: Editora UFSC, 2007.

MILLIET, Vange; LEPETIT, Paulo. **Gangorra Com a Corda Toda**. São Paulo: Selo SESC, 2013. CD-ROM.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil**: voz de criança. São Paulo: Ática, 2006.

PARREIRAS, Ninfa. **O brinquedo na literatura infantil**: uma leitura psicanalítica. São Paulo: Biruta, 2008.

PEREIRA, Nereu. **O Boi de Mamão**: Folguedo Folclórico da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editado do autor, 2010.

PMF – Prefeitura Municipal de Florianópolis. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PORTAL DA CULTURA. Disponível em: <http://www.snpcultura.org/>. Acesso em: 15 jun. 2016.

POWERS, Alan. **Era uma vez uma capa**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SAMARA, Tymothy. **Guia de Design Editorial**: Manual Prático para o Design de Publicações. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SASSOON FONT. Disponível em: <http://www.sassoonfont.co.uk/>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SOUZA, Sara. **A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina Séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: FCC, 1981.

LINDEN, Sophie.**Para Ler o Livro Ilustrado**
. São Paulo: Cosac Naify, 2006.